

MÁVEL

INFLAMÁVEL

César Maurício

Copyright © 2010 César Maurício Alberto

Coordenação editorial – Clarice Libânio

Capa e ilustrações – César Maurício

Projeto gráfico e diagramação – Objeto de Arte Comunicação & Design

Revisão de textos – Clarice Libânio

Prefácio – Marcelo Dolabella

Entrevistas – Janaina Cunha Melo

Captação de recursos – Ophicina de Cultura

Alberto, César Maurício

Inflamável / César Maurício Alberto

Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2010.

236 pg

ISBN: 978-85-60740-05-5

1-Alberto, César 2-poesia 3-letra de música 4-música mineira

I – Título

As obras aqui publicadas foram cedidas gentilmente para essa edição por Sony ATV Music Publishing e por EMI – Edições Musicais Tapajós Ltda.



APOIO:



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

PATROCÍNIO:



Tecar 10



AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma coisa boa demais.
Falar para pessoas que às vezes nem sabem que
estão ali naquelas páginas.
Falar para as pessoas: obrigado, Clarice!
Que por muito mais vezes acreditou no que eu faço,
que por muitas tantas vezes foi aço,
suportando meus cansaços, abusos e absurdos,
por ter me dado filhos lindos... beijo agora!
Obrigado, Benjamin e Nino!
Que muitas vezes me mostram o caminho:
"César, coloca as duas mãos no volante!"
Obrigado, Dona Nicinha e Seu Benonil,
quase invisíveis,
visíveis em nós, filhos: Kátia, Heloísa,
Serginho, Neide e Marquinhos.
Na luta quase solitária, a nos ensinar a ter
dignidade nessa vida
e a sermos dignos dela!
Aos tantos amigos, obrigado! Muitos beijos eu desejo para vocês.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	11
Nota da editora	19
8. Esperar o que?	23
7. Um bicho de plástico	38
6. E ela disse... ..	62
5. Das orelhas às mãos	80
4. Canibal	101
3. O gira	131
2. Na dúvida atire!	147
1. O que diriam os vizinhos?	157
0.	178
Posfácio OU De como terminar de forma a dar a entender por onde começou	207



APRESENTAÇÃO

Artista plástico, músico e poeta. César Maurício se expressa através das artes. Esse livro mostra algumas de suas faces, a de poeta e compositor. “Inflamável” reúne textos de vinte anos de carreira e permite uma visão completa da obra do artista. Evidencia sua vocação como letrista e a estética própria de seu trabalho.

Aqui estão publicadas algumas de suas obras. São composições para o Radar Tantã, Virna Lisi, parcerias com Lô Borges, Samuel Rosa, Carolina Lima. Assim, página a página o livro revela muito mais que a memória do artista, conta parte da história das duas últimas décadas da música mineira.

O Liberty Palace Hotel entende a importância da preservação dessa memória, e faz questão de contar essa história. Essa história musical e poética que faz parte da vida de todos os mineiros.

Celso Morandi
Gerente Geral Liberty



PREFÁCIO

CÉSAR MAURÍCIO

A GESTUALIDADE RÍTMICA DAS PALAVRAS

por Marcelo Dolabela

1. É impossível falar da poesia, da pintura, das animações, da música e das interpretações de César Maurício separadamente. Só é possível falar da *ARTE* de César Maurício.
2. Sua *multimidiunidade*, embora apresente características tópicas em cada fazer, traz uma planta-baixa – diriam os junguianos: um arquétipo; diriam os freudianos: uma angústia / uma marca. Isto é: a expressão é *multi*; mas o autor é *mono*; a obra é *pluri*; mas o ser é *único* – e não *uno*.
3. Em qualquer *medium*, a sua digital está impressa.
4. Como podemos ler em três fotos ilustrativas do encarte de seu disco-solo [*Não posso devolver sem danos seu bobo coração*]; No peito de um pé: *ESCRITO NA TESTA*; em uma perna: *OS BURACOS NO CÊU*; e em uma palma de mão: *ESCOLHA*.
5. Palavra + Imagem para música. A questão é de escolha.
6. Em sua obra, não há como indicar qual *fazer* é central e qual é auxiliar. Os seus desenhos são poemas; os seus poemas são animações; as suas animações são canções.
7. Aqui o conceito de Décio Pignatari de *mídia auxiliar* não tem muito lugar. Aqui estamos mais para Maiakóvski: *em mim a anatomia ficou louca, sou todo coração* [ou criação].
8. Assim, podemos ampliar *ad infinitum* a máxima de Ezra Pound: *A música apodrece quando se afasta muito da dança. A poesia se atrofia quando se afasta muito da música*.
9. Seguindo na esteira de James Joyce e da poesia concreta. A poesia (como fazer artístico) é *motoverbivocovisual*. Tem: movimento + sentido + som + imagem.

10. Rimas, métricas, estrofes e refrões são convenções. Necessárias ao sabor das épocas. Mas, convenções. *Isso* – como diria Carlos Drummond de Andrade – *ainda não é poesia*. São regras que o poeta segue ou não.
11. As rimas, por exemplo, foram criadas pelo Vaticano para darem marcas mnemônicas às orações e cantos religiosos.
12. A poesia de CM, quase sempre, prescinde da facilidade desses recursos. Com exceção é claro da estrofe, pois a disposição gráfica de um texto poético necessita desse bloqueador.
13. Nesse quesito poético, o texto (impresso e/ou cantado) de César Maurício é irmão-siamês dos textos da sagrada trindade do *Clube da Esquina*: Fernando Brant, Márcio Borges & Ronaldo Bastos. Sem dúvida, os primeiros grandes radicais, ao lado dos tropicalistas, da canção brasileira.
14. Nessa opção, é falso afirmar que a maioria das obras dos autores citados segue o jogo fácil do *palavra-puxa-palavra* e do *ideia-se-desdobra-em-ideia*. Aqui, a opção ou opções estão claras: não facilitar. Ou como diria Marcel Duchamp: *Não repetir apesar do bis*.
15. CM adverte, em seu poema / canção *Ainda*: *A padaria fica na esquina / e a loteria mais acima / e a nossa vida leve e fina / é que me força a rima*.
16. Parafraseando Fernando Pessoa, aqui a *rima força*, mas não *quebra*.
17. Poesia não é aparência fácil.
18. Lembrando T. Todorov: *poesia é o que se perde na tradução*.
19. O texto poético tem outras marcas mais fortes que o fazem *texto poético*. Senão, seria simplesmente *texto carregado de poeticidade*.
20. Em CM, estas vigas mestras, estas flautas de vértebras, estes baobás arquitetônicos, estão, entre outros recursos, em:
21. Rima-do-mesmo-com-o-mesmo. Ao invés de se usar palavras diferentes no processo rímico, se rima a palavra com ela mesma. Em *Ofício*: *duro / duro; roer / roer / roer*.

22. Falsos-anagramas. Palavra que permuta suas letras ou seus sons para formar nova palavra. Em *Até que enfim lá*: passo (substantivo) / traço / traça / destroço / desfaço / passo (verbo) / braços. Em *Doce vacina*: SALiVA / SALVAr. Em *Pode esquecer*: MuLHeR / MeLHoR. Em sem-título [*Seu vestido visto ao avesso*]: VeSTIdO / VISTO; BRANDOs / BORDANDO. Em sem-título [*Sei bem o que verei no fim dessa rua*]: BRASA / BRiSAS. Em sem-título [*Amei*]: AMEI / ArMEI.
23. Palavras-dublês. Palavras que vão se modificando para formarem outras palavras. Em sem-título: PORTA / SORTE / CORTE / PORTA / PARTES.
24. Assonância. Repetições de sons vocálicos. Em sem-título [*Não rasgue nem parta*]: Sob essA A terrA molhAdA / pAsse nA pele nuA / pelAdA / A lAmA / pedAços de grAmA / nessA ruA não pAssA nAdA.
25. Aliteração. Repetições de sons consonantais. Em sem-título [*parecia que tinha uma luz roxa e azul que batia*]: as Peles, Poros, os Pelos das Peles.
26. Enumeração. Em sem-título [*Como seria*]: beijos / mentiras / sorrisos / delícias / perfumes / perfuros / posições / filmes / espumas / canções / ocupações / resenhas / ordenhas / desordens. Em *Na medida: na balada / na medida / na porrada / na balada / na loucura / na porrada*.
27. Rimas leoninas. Palavras ou fragmentos de palavras que se fundem para construir um jogo de rimas. Em sem-título [*Parece que tudo vai virar outra coisa*]: JANTAR / JÁ é TARde.
28. Rimas toantes. Isto é, rimas sonoras. Em *Caso você beba*: cervEjAs / bEbA. Em *Olá, como vai?*: mUndO / escUrO / tUdO. Em *Essas flores*: chorAvA / nAdA. Em *Seus passos*: bOlsO / rOstO. Em sem-título: bELA / fErA. Em sem-título [*Alguém quer fazer parte*]: pArtE / ArdE. Em *Qualquer lugar*: LUA / mUdA / sUA / rUA / pUrA.
29. Anáfora. Iniciar dois ou mais versos com uma palavra ou com conjunto de palavras. Em *Caso você beba*, a segunda estrofe traz todos os seus quatro versos iniciados com as palavras *É lamentável*.

Em sem-título [*Ela é todo som que passeia pelas ruas*], todos os versos se iniciam com *Ela é – todo / tudo / toda / todos*. Em sem-título [*Ficou um tanto de mim*], todos os versos se iniciam com variações do verbo *ficar*: *ficou / ficaram / ficamos*. Em *Das orelhas às mãos*, na última estrofe, há a repetição inicial de *e depois*, seis vezes. Em sem-título [*Quando lembro tudo o que fizemos*]: ***Um pouco de mim / um pouco de tudo / um pouco de nós***. Em sem-título [*Pode trazer as ruas*], com exceção do último, todos os versos começam com *pode trazer*. Em *Pode trazer as ruas*: ***RUAS / RUgAS***;

30. Epístrofe. Ao contrário da Anáfora, dois ou mais versos são fechados com uma palavra ou um conjunto de palavras. Em *Vou te mostrar*: *esperar / esperar / desesperar*.
31. Anáfora e Epístrofe em uma mesma sequência de versos. Em *Se desce a lona vira circo se cerca vira hospício*: ***Eu não vejo nada / eu não sinto nada / eu não sei de nada***. Em *O que ninguém sabe*: ***Vou desenhar sua cara / Vou rabiscar sua cara / Vou avessar sua cara / Vou transformar sua cara***.
32. Epanalepse. Repetir palavra ou palavras de um verso no meio de outro. Em *Quase nada*, todos os oito versos trazem em seu “interior” a palavra *depende*.
33. A feira de poetas (com obras livrescas publicadas) e de cantores e/ou letristas, na música brasileira, é imensa: Abel Silva; Aldir Blanc; Alice Ruiz; Antônio Cícero; Arnaldo Antunes; Bernardo Vilhena; Cacaso; Capinan; Chacal; Duda Machado; Fausto Fawcett; Fausto Nilo; Galvão – dos Novos Baianos; Gato Jair – do Último Número; Geraldo Carneiro; João Carlos de Pádua; Juca Chaves; Murilo Antunes; Nuno Ramos; Paulo Leminski; Rogério Duarte; Ronaldo Bastos; Ronaldo Santos; Rubinho Troll – do Sexo Explícito; Thiago Araripe; Torquato Neto; Vinicius de Moraes; Vitor Rami; Walter Franco; Zé Ramalho; entre outros.
34. CM [além de artista plástico e vídeo-artista] habita esse Olimpo autoral. Embora, cada poeta/cantor e/ou letrista citado tenha sua própria oficina de criação, um traço comum há entre eles.
35. Mesmo não sendo possível, em sua *totalidade*, diz qual texto foi escrito

para ser impresso, qual para ser musicado, qual que foi musicado *a posteriori*, qual que foi feito a partir de melodia já existente, qual nasceu em conjunto com a melodia, uma característica subjaz na maioria dos textos cantados: uma busca pela sonoridade (rimas, métricas mais regulares, retomadas de temas, etc.).

36. No caso de CM, há uma exceção. Seus textos para seus grupos (Virna Lisi e Radar Tantã) não seguem esse curso, são, se pudéssemos usar tal comentário, *extremamente a-canções*. Isto é: textos para *não-canções*. As vozes poéticas do Virna Lirna e do Radar Tantã são jatos de fogos que acompanham guitarras esgarçadas.
37. Porém, com seus parceiros mais constantes, os textos saem ao feitio de canções bem urdidas. Dois exemplos: *Noite de um verão qualquer*, gravada pelo Skank, a base rímica conduz a canção: *ar / ocular; traço / braços / abraço / aço / laço; abrigo / umbigo*. Em *Lugar*, também com o Skank, o texto é quase monorrímico: *escreveu / meu / seu / escondeu / teceu / seu / eu / adormeceu*. Só na estrofe final, é que há variações: *mim / fim; saber / você* – esse par final em rimas dialetais.
38. A oficina irritada – à La Drummond – de César Maurício parece seguir aquele velho slogan de uma loja de departamentos que anunciava vender da *agulha ao helicóptero*. Tudo na mesma gôndola. Cada “coisa” seguindo seu objetivo.
39. Um título é uma chave e uma caixa para o leitor. No caso de uma obra poética, é uma chave do reino e/ou uma caixa *hellraiseriana*. Há vários tipos de títulos de uma obra, dos mais óbvios aos mais herméticos, dos que partem do título do poema-síntese aos abstratos e etéreos.
40. Um título se espalha, feito um paragrama (fragmentos dispersos em um texto), por toda obra.
41. Via de regra, o título é uma cápsula que guarda o longo tempo da obra.
42. O vendedor de bíblias do conto *O livro de areia*, de Jorge Luis Borges, pede para seu futuro comprador absorver e observar bem *a capa, a lombada e cada página* da obra.

43. *INFLAMÁVEL* é um título *mise-en-abyme* – uma queda vertiginosa em significados que trazem novos significados. Lendo as labaredas, podemos ver que as labaredas são outras labaredas.
44. São várias e múltiplas e se desdobram, principalmente, na palavra-chave SOL e seus campos de semelhança / dessemelhança: DIA, MANHÃ, LUZ / CHUVA, SOMBRA, etc.
45. *INFLAMÁVEL* é toda a obra. SOL é cada uma de suas etapas.
46. Então vejamos: no poema/letra *Sombra há!*, de apenas 7 versos, a palavra “sol” aparece 5 vezes, chuva, 3. No poema sem-título, o primeiro verso já diz: *Parei, enquanto o sol marcava o chão*. Em *Cônsul caramelo: no sol sempre uma surpresa*. Em *Passeio entre o céu e o sol* (título e primeiro verso). Em *Sol na janela: E o sol na janela e ela lá*. Em sem-título [*Omarbatianaspernasdela*]: *Enquantoosolfervianascostasdela*. Em *Sorte: era caminhar sob o sol*. Em poema sem-título [*Quando o beijo não mais valer*]: *Quando o beijo não mais valer / para dizer o que é o sol / sobre nossa cama*. Em sem-título [*O sol de outro bate nos tijolos*]: *O sol de outubro bate nos tijolos* (1º verso) / (...) e os olhos (...) brilham (...) na *soltura* do concreto. Em *Qualquer lugar: Eu queria para o sol ao meio dia* (...) *Eu vi o sol parado ao meio dia* (...) *Pode ser sol e lua / a natureza muda*. Em *Nos jornais: eu continuo dormindo enquanto o sol não vem*. Em *Lugar: nessa tarde o sol é só por você*.
47. Em *Tudo em cores para você: hoje o sol lembrou de me acordar*. Em *Essa chuva: esse sol que sai não é por você* (...) e esse *sol* que não sai / só por você. Em sem-título [*Te amo*]: *Te amo / e você divida tanto assim / faz tantas perguntas / quando o sol de amanhã / responderá cada uma*. Em *Naftalina: ao meio dia, o sol rachando*. Em sem-título [*E mais alguém passou pela rua*]: *enquanto a sombra se reproduzia sob o sol* (...) *Assim beijei-me e fim. / foi o que fiz, foi o que deu / o sol em mim*. Em *Radio song*, o oximoro / paradoxo: *vim para ver a chuva / o guarda-sol agora é o rei*. Em *Quando tudo explodir: Quero ver o sol / e depois subir ao céu*.
48. Poderíamos ir descortinado *sol*, *sóis* e *solares*, mas para a listagem não ficar cansativa, basta um último, porém exemplar, *sol*

(oculto). Em sem-título [*Não desista de mim nessa estrada*]: *Te busquei pelos vãos não SOu SÓ SOLidão*.

49. Mas o *oculto* não está apenas na “boneca-russa”: *INFLAMÁVEL – SOL*. Está em uma jogada mais precisa, se, na gradação de sentidos, depois de *SOL*, lermos *SOM*.
50. Aí, o jogo fica até bem melhor. Mas deixemos esse *cata-sentidos* para quem queimar os olhos nesta combustão *fahrenheitiana*. Pois, aqui, precisaríamos de trilha sonora. E os discos do Virna Lisi, do Radar Tantã, o solo do César Maurício e outras tantas parcerias estão à mão para iniciarmos uma nova jornada.

Marcelo Dolabela – Poeta e pesquisador (música e poesia). Mestre pela Universidade São Marcos. Principais livros: *Coração malasarte*. *Radicais*. *ABZ do rock brasileiro*. *Breve história da música de Belo Horizonte*. *Hai Kaixa*. *Poeminhas & outros poemas*. *Lorem ipus – Antologia poética & outros poemas*. Roteiros cinematográficos: *Arnaldo Baptista – Maldito Popular Brasileiro* e *Plano sequência*, de Patrícia Moran. *Uakti* e *A Hora Vagabunda*, de Rafael Conde.



NOTA DA EDITORA

CUIDADO, INFLAMÁVEL!!!!

Falar dele é um parto. Juro, sem firulas. Encontrar a exata medida entre a admiração de fã incondicional e a racionalidade técnica de um editor. Mais do que marido, detalhe que praticamente não interessa ao leitor, César Maurício é um artista que vem há muitos anos me surpreendendo e me encantando, em todos os sentidos.

Mas para ele também tudo isso é um parto, portanto me sinto extremamente confortável em confessar minhas dificuldades. Para César, esse livro é outro dos vários partos que tem tido ao longo da sua carreira artística, principalmente porque tem como uma de suas características marcantes a autocritica excessiva. Também por isso a minha dificuldade em achar a medida certa para escrever essas notas.

O César que eu conheço, e que pensamos em mostrar nesse livro, busca a todo tempo compartilhar imagens e sentimentos, falar sobre a forma como enxerga o mundo, dividir com outros seu olhar e seu ponto de vista. Para isso, não usa nada e usa tudo. Vídeo, tela, madeira, papel, imagem, texto, tinta, música, não importa. Sem o pedantismo dos chamados multi-artistas, César simplesmente precisa falar. Caso contrário, a angústia seria capaz de matá-lo.

Mas não é um ser atormentado e angustiado o artista que relato aqui. Apesar de parecer, ao reler os parágrafos acima, faço questão de alertar ao leitor que César é muito mais piada, muito mais galhofa do que angústia, mau humor, ranzinzisse de artista. É claro que tem tudo isso, mas em menor proporção.

Afinal, é herdeiro de Benedito, o vô Bené, que falava palavrão, era negro e tocava cavaquinho. Casou com uma italiana apaixonada, de olhos azuis, com quem teve cinco filhos. Quando o conheci, já velhinho, o vô me olhou de cima a baixo e falou pro neto: “cê trabalhou com a cabeça, heim!?”

César também é Bené: piadista, galhofeiro. E muito bem humorado. Às vezes demais, o que já lhe rendeu “pitos” de amigos e parentes, pelo excesso de piadas. “Fala sério, cara!” E em seu trabalho é possível

também ver essa característica: a ironia, a crítica ácida, a perspicácia para a reflexão rápida e a língua certa.

César é capricorniano. Do dia 09 de janeiro. E isso significa muitas coisas, algumas melhor não comentar. Significa, por exemplo, não ter medo do esforço e do trabalho (daquele que quer fazer); subir montanhas aos poucos, com conquistas lentas, mas sólidas e duradouras; ser determinado, persistente, insistente: César não costuma desistir, ainda que muitas vezes fique melancólico e acabe por buscar um certo isolamento, incompatível com sua profissão.

Outra característica interessante é a memória de elefante, aliás, memória de manada. Menciono esse pormenor não por motivo leviano, mas para que o leitor saiba que é dessa memória que nascem as letras de música e textos que apresentamos nas próximas páginas. Muitas delas, escritas recentemente, falam de fatos que se passaram há décadas, anos, meses. Não é somente um relato diário do ocorrido. É uma reflexão profunda e trabalhada no tempo, um olhar sobre o que já passou para os outros, mas que para ele continua ativo.

César consegue, em seus trabalhos, traduzir de maneira extremamente irônica, mas também apaixonada, o que vê acontecer à sua volta. Como bom portador de sangue italiano, inflamável! De um amigo que perdeu a namorada a um cachorro tentando atravessar a avenida. Tudo é motivo para se indignar, se apaixonar, chorar, rir, sofrer, enfim, refletir sobre vida e prazer, morte e dor.

Quando pensamos em editar esse livro, César achou que não teria interesse público. E que seria muito pedante lançá-lo. Eu, por meu lado, insisti. Afinal, a grande maioria dos textos que aqui apresentamos já tinha sido lançada por outros meios, nos vários discos que ele e seus parceiros gravaram ao longo dos últimos 20 anos. Portanto, um parto menos doloroso seria.

A idéia de reunir letras de música e outros textos tão distantes entre si no tempo, tudo num só volume, tem para nós o objetivo principal de registrar e permitir uma visão de conjunto da obra poética de César Maurício, desde os primórdios da década de 1980, com o Virna Lisi, até os últimos trabalhos, produzidos em parceria com Lô Borges, Samuel Rosa, Carolina Lima, enfim!

Obra essa que nunca pretendeu ser pedante, não pretende ser acadêmica e nem tem o compromisso estrito com regras e formas da nossa

língua culta. Mas que tem, por outro lado, um compromisso com a trajetória da música brasileira, da música mineira de verve roqueira, cantada e versada em bom e claro português, um compromisso com o bom uso da palavra e a quebra das frases fáceis e refrões óbvios, que hoje tanto têm (des)feito no mercado nacional.

Textos às vezes difíceis, mas nunca despidos de significado para o leitor. Cada qual com o seu, que aliás é uma das grandes marcas do texto poético: obra aberta, não hermética, obra em construção, obra compartilhada e refeita por cada um de nós.

Assim são os textos que apresentamos agora nesse livro. Estão há anos escritos, em sua maioria cantados e “escondidos” atrás dos solos de guitarra, prontos, esperando que alguém os leia em voz baixa e busque seus sentidos para além da música.

“Inflamável” não traz todos os textos desses últimos 20 anos de trabalho, claro! Por um lado porque era preciso selecionar, cortar, editar, enfim, filtrar tantos escritos, tão grande produção de todo esse tempo. Por outro, porque ele próprio reprovou vários textos, não os considerou adequados para serem publicados.

E, por fim, porque muitos deles já não existem mais. Eu, de perto, vi muitos serem jogados no lixo ao longo dos anos. Da mesma forma que vi telas servindo de forro para o chão ou doadas ao primeiro que passasse pela frente, principalmente amigos. Do que restou, segue uma boa mostra do que tem sido a produção desse artista tão plural e tão produtivo.

Angustiado e galhofeiro, criativo e autocrítico, carinhoso e atencioso, revoltado e justo, cuidadoso, dedicado, irônico, incansável, produtivo, capricorniano (com tudo o que isso implica), inflamável, enfim, César Maurício.

Para os íntimos e para os nem tanto, seguem duas décadas de poesia.

Clarice Libânio



ESPERAR O QUE?

ESPERAR O QUE?

Vou esperar só mais uma hora
depois desse minuto.

Vou esperar só mais duas horas
depois desse segundo de silêncio.

Gravada por Virna Lisi

O resto fica fácil
peguei todos os meus
troços tralhas trecos tudo
sai dali, sentindo falta
no porque dali
em mim.

Agora...
recolhidos os restos
os sopros
os nadas
devolvo
a carga de asas



OFÍCIO

O osso duro o ócio duro

O osso duro o ócio duro

Duro de roer

O osso duro de roer

Aperte os dentes de cima aos de baixo

Duro de roer

O osso duro de roer

Gravada por Virna Lisi

SOMBRA HÁ!

Sob o sol na sombra do guarda-chuva há
sob o guarda-sol
sombra é por não ter
sol sob o guarda-chuva
sob o sol na sombra do guarda-chuva há
sob o guarda-sol
sombra

Gravada por Virna Lisi

O DIA LENTO

O dia é lento e come como o odiar
O dia é lento fora dos mais atentos
O dia é lento
E come como odiar
E come como odiar
É pobre a rima
Palavra
Carne
Ver o dia

Gravada por Virna Lisi

DE FORA PRA DENTRO

Não tem o gosto que devia
qualquer um menos esse estar
feito detergente
a mentira lava o que não é sujo
nem de ninguém agora!!

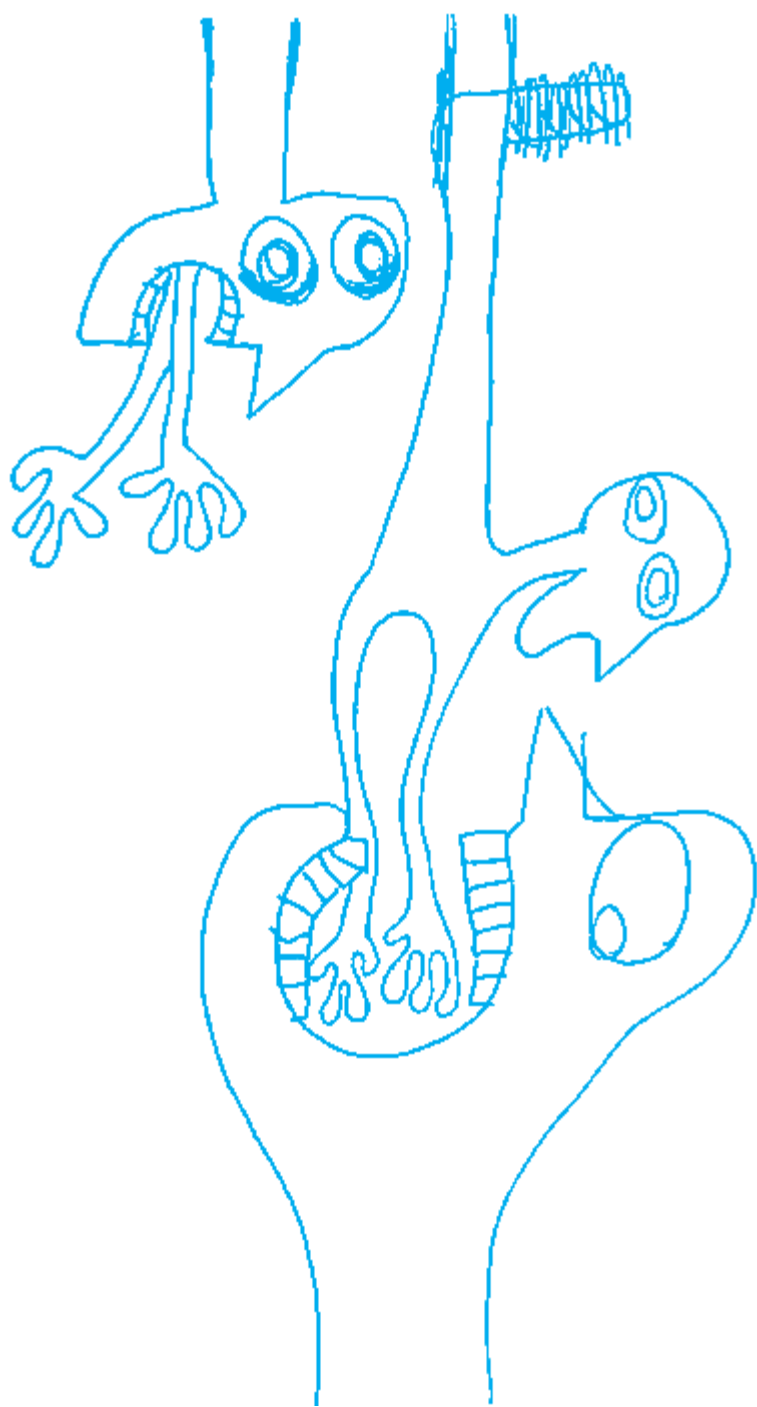
É de fora pra dentro
e não ao contrário

Gravada por Virna Lisi

ATÉ QUE ENFIM LÁ

O dia vai até a noite
até que em fim o dia vai
lá, lá vai o dia
e a cada passo traço como traça, destroço
desfaço o traço o passo, passo, passo
pá, pá, pá passo ando vendo em passos
dos braços sobre o chão sem sapatos

Gravada por Virna Lisi



Parei, enquanto o sol marcava o chão
da luz que não vinha
passos longos lentos dentro do tempo
percebo a linha
a linha fina da luz
que ilumina
sem tempo de corpo
sob olhos limite
grande o traço que caminha
um risco
ou a margem do edifício
limitando
o espaço
parado
olhando
a lenta
linha
sombra
me engolindo,
só porque eu olhava pra ela
xérox, scanner, luz
o boneco vermelho fica verde
o jato de tempo fica claro
os sapatos traçam o caminho e eu atravesso a rua
andando
engulo
a sombra
pela pele, roupa linha trama fina
pelos
matemática soma sombra
mudei de lugar
ando sob a sombra das marquises
dominado.
parei na vitrine sem dó
vitrine
não tem coração
mostra tudo por dentro o dentro tem um dentro que tem

O TREM

Vou me esconder debaixo da cama
tapar os ouvidos e esperar que o trem passe
esse som de ferro com ferro e molas
essa luz na parede, as aranhas
esse som sumindo com o da tv
somado aos rangidos
gemidos de carne com carne
e o peso com as molas

Depois da parede cascadacaiada
essa luz dos gemidos de todas as noites
que ela não deixa ver
saio de baixo pra cima da cama
não tapo os ouvidos
nem olho as aranhas
e os gemidos...

Gravada por Radar Tantã



INFLAMÁVEL

Como seria
ser só
e tal façanha?
se minhas células me acompanham
e se multiplicam
e transbordam em mim
eu?

Seres de orgasmos espontâneos
que a cada um somos quatro
e somos corpo
delas e meu

Como corpo eu
infinito esporro só
dentro de mim
sem outras pernas
sem outros poros

beijos
mentiras
sorrisos
delícias
perfumes
perfuros
posições
filmes
espumas
canções
ocupações
resenhas
ordenhas
desordens

Corpo que se suga
engole-se no que precisa
devolve-se ao que ainda é fibra





UM BICHO DE
PLÁSTICO

CÔNSUL CARAMELO

Quando vi tudo era verdade
e sua vontade
era o mesmo que tomar café
e no sol sempre uma surpresa
a gente sente uma náusea de prazer
naquele dia quis tudo que era meu
sua geladeira, meus discos e os seus

Meus amigos sempre comigo
sua voz no meu ouvido
e tudo que depois a gente fez
sob o sol sempre uma surpresa
a gente sente uma náusea de prazer
às vezes as luzes dos carros iluminam mais

Então me beije
tire o amargo da cerveja
um dia vi estrelas
olhando para o chão
naquele dia quis tudo que era meu
sua geladeira meus discos e os seus

Nossa como eu nem sei
quanto as plantas crescem
quanto não me esforço
quando é meu aniversário

Quando a volta terminar
diga onde ponho o meu chapéu
se este é o meu lugar
onde é o lado certo da janela?

Gravada por Radar Tantã

BICHO DE PLÁSTICO

Confesso que te conheci
atravessando a rua entre os carros
no espaço elástico

E tudo que ficou sem ver
naquele tempo era meu era seu
e seus beijos mais rápido

Na minha doce e veloz confissão
senti meus braços elásticos
e todos carros indo numa só direção
pra ter seus beijos mais rápido
quem vai dizer

Me jogo em sua direção
atravessando a rua entre os versos
bordados no espaço

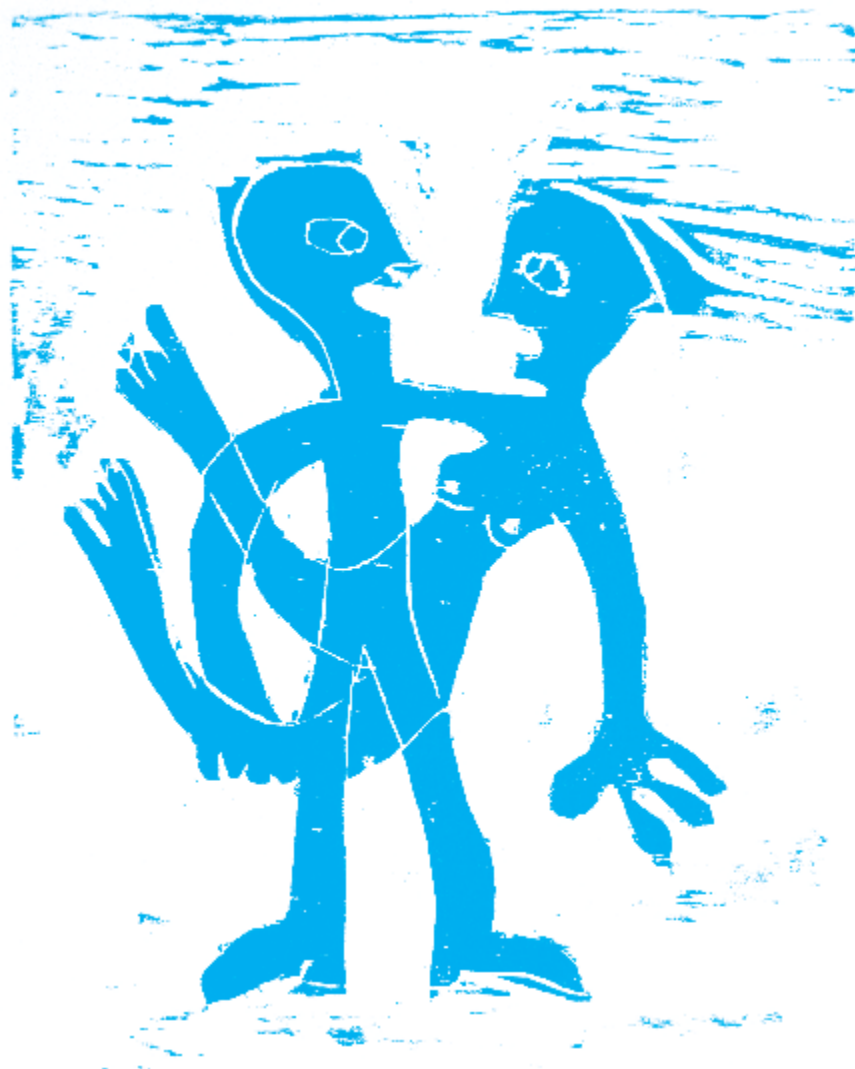
E na canção reconhecer
adormecer com o som e o vento
de carros tão rápidos

E a sua doce e feroz confissão
me fez um bicho de plástico
cantei pra ser de versos essa nossa paixão
e ter seus beijos mais rápido
quem vai dizer
Reinvento nossa direção
atravessando a rua entre os versos
bordados no espaço

Você a minha confusão
atravessando meu corpo e abraços
com versos elásticos

E quando nosso beijo transformar a canção
veremos tudo mais rápido
à sombra dessa nossa doce paixão
entre mil beijos elásticos
quem vai dizer

Gravada por Lô Borges



AINDA

Ainda que seu nome eu nem aprendi
você bem que podia ser minhas manhãs
quando começarmos a ser um só

Ainda que eu não possa ter
seu beijo sangrado
e doces manhãs quaisquer
e as coisas que ficaram por lá

Confusas palavras dispersas
e casos mais lidos
lindos
escritos na testa

Ainda que eu faça rimas de amor
o que sobrou desse olhar qualquer
e as coisas que brotaram por lá no ar

A padaria fica na esquina
e a loteria mais acima
e a nossa vida leve e fina
é que me força a rima

Gravada por César Maurício

CASO VOCÊ BEBA

Eu acordei pensando nela
será que ela quer me ver
e o sorriso que criei
e as bobagens que escrevi

É lamentável ela não sair
é lamentável eu não insistir
é lamentável ela fugir no fim
é lamentável ela esquecer de mim

Ei, porque você não sorri?
é medo de abrir a boca?
Ei, porque você não chora?
é medo de se afogar?

Vamos sair e gastar a grana que não temos
comprar umas cervejas
caso você beba

Gravada por Radar Tantã

NOITES DE UM VERÃO QUALQUER

Noites de um verão qualquer
eu me sufoco nesse ar
o corpo venta em preto
o chão devora o espaço ocular

Noites de um verão qualquer
deixe que ela entenda o traço
que invente a fuga por nós dois
eu sou seus pés
e sou também seus braços

Noites de um verão qualquer
dentro da febre desse abraço
satélite voltou do céu
eu sou o resto
sou também o aço

Noites de um verão qualquer
sob sua pele encontrei abrigo
pra gente se devorar
na órbita do seu umbigo

Seguem infinitos metros
pra perto desse abraço
eu tento respirar
desdar o nó que aperta
esse laço

Gravada por Skank

OMAR BATIANAS PERNAS DELA
QUE BOM QUE ERA ELA QUE BOM
QUE BOM!!!
PENSABA ELA ENQUANTO
ENQUANTO OSOL
FAT VIANAS
COSTAS DELA ELA
QUE BOM QUE ERA

PASSEIO ENTRE O CÉU E O SOL

Passeio entre o céu e o sol
costurando com fios de frio
a minha blusa de poeira e ar
lavando minhas pálpebras no mar

Estou preso pelo seu jardim
dormindo nessa areia vermelha
bordando de ferrugem e sal
as minhas calças de domingo carmim

Estou pedindo pra ficar em todas as fotos com você
estou tentando não lembrar
de tudo que um dia disse por dizer

Gravada por Radar Tantã

OLÁ, COMO VAI?

Acordei pensando em tudo
que meus olhos buscam
dentro e fora do mundo
a cidade grita com a luz
e eu busco o fogo que ilumina o escuro

Me diga como você se sente
me diga quanto você me quer
me fale do passado e presente
e o futuro pode ser o que a gente quiser

Acordei pensando no escuro
e a TV me desligando do mundo
a vontade brinca com a vida
e a gente sempre vai passando por tudo

Pode ser num dia claro de chuva
pode ser olá como vai
pode ser entre o som e silêncio
pode ser que eu espere demais
pode ser mais uma estrela nascendo
e a gente se amando demais

Me diga como você se sente

Gravada por Lô Borges

DOCE VACINA

Seu beijo é aquela vacina
que pode matar
eu ligo as turbinas
e essa é a minha saída
pra onde vou sem rumo
nas asas de chumbo

O peso do corpo
o seu e o meu gosto
dessa doce saliva
que vai nos salvar
pensei por um instante estar louca
quem sabe um pouco
impaciente e mansa

Um vinho
o mar
pra me afogar
o céu
seu ar
pra me salvar

Então venha ser pra mim um limite
minha margem
o que vai me parar
e ser o antídoto dessa viagem
com essa doce vacina
alugo a esquina
me deixo morrer
sob os olhos de quem passar

Gravada por Carolina Lima

TUDO BEM

Se você não gosta do meu andar
tudo bem
talvez dos meus olhos, da cor do meu cabelo, do meu cheiro
tudo bem
eu não me importo
me sinto seguro é com você
e não de óculos escuros, calado

Se você não gosta da minha camisa
tudo bem
talvez do meu beijo ou que eu não sorria sempre
tudo bem
eu não me importo
me sinto seguro é com você
e não dentro de um carro com os vidros fechados

E se você não gosta do meu querer
ou de eu estar perto de você
tudo bem
eu não me importo
quero estar mesmo é com você

Você agora tem um problema
eu posso pintar o cabelo
trocar de camisa
mudar de cheiro
de rua, de ritmo, de banco
pegar no tranco
você devia gostar de mim

Gravada por Radar Tantã



Eu não sou perfeito e ainda bem
você é ?
não tenho a altura que esperam
não tenho dinheiro
nem carro do ano
leio revista em quadrinhos
gosto de futebol
durmo até tarde
sabe?

Eu gosto disto
gosto de namorar e ouvir música
falar mal de fulano
e lavar as mágoas na cerveja
não peço que goste de mim
nem que não se incomode
posso chegar e querer você afim
ou só eu estar afim
sabe?

Quero saber que dia é hoje
e o que você tem por baixo
a vida poderia ser bem mais fácil
sabe?

Quem quer uma vida frágil?
Não sou perfeito e nem quero
pode ter certeza
não tenha medo de querer alguém assim.

ESSAS FLORES

Olha, enquanto todos dormiam
a gente ia andar pelas ruas
ver quem não dormia
Olha, enquanto a gente sorria
as pessoas não entendiam nada

Para onde foram aqueles dias
aquelas horas
aquelas flores

Olha, enquanto a gente corria
todos paravam para ver se a gente caía
Olha, enquanto a gente chorava
as pessoas sorriam por não entenderem nada

Gravada por Radar Tantã

SEUS PASSOS

Quando caio do seu bolso
escorrego pelo rosto
nossos beijos e palavras
ficam soltos no lugar

E o que dizer desse segundo
distraindo do olhar
que no infinito corre mundo
onde o céu encontra o mar

Nesse jogo de reflexo
a certeza me distrai
seu desejo é meu início
e eu estou tão perto agora, eu sei

Você vai dizer que não
eu sigo seus passos
a caminho do meu coração

Uma curva, não um risco
alegria é como um vício
nesse livro nossa história
estampada em seu olhar

Nesse jogo de reflexo
a certeza me distrai
seu desejo é meu início
e eu estou tão perto agora, eu sei
Você vai dizer que não
eu sigo seus passos
a caminho do meu coração
você vai dizer que não
eu sigo seus passos
o caminho é meu coração

Gravada por Skank



3/90

César Maurício 1998

VOU TE MOSTRAR

Hoje eu vou te mostrar o que eu trouxe pra você
eu vou te mostrar o que eu tenho na cabeça
hoje eu vou te mostrar o que trouxe no bolso
e vou te mostrar o que tenho na mão

Sente e ponha as mãos no queixo
veja o que eu tenho pra você
arregale os olhos e os ouvidos
senta e sinte o que é pra você

Não vou mais esperar
não vou mais esperar
vou me desesperar

Eu vou te mostrar o que eu tenho na cabeça
não vou esperar seu sorriso de manhã
nem que apague a TV
que me faça o café
e que você venha
e que você venha

Não vou mais esperar
não vou mais esperar
vou me desesperar

Gravada por Virna Lisi

PASSA

Passa e não volta pra ver
vou como que arrancar com os caninos
o que não tem mais sentido
nem rastro que me pertence
só pra parecer
menos farsa mais ato falante

Gravada por Virna Lisi

SUA CARA

Eu vou ser hóspede na sua casa
à mesa, à cama
comer na mesa e na cama
te hospedar na minha gargalhada
à mesa, à cama
sem conhecer sua cara
sem conhecer sua casa
não vou deixar que escolha o lado,
que leve ou quebre
suje espalhe no contorço quando cai
o tiro é certo como a nuvem
o tiro é seco como a nuvem sobre o pátio e ninguém viu.

Gravada por Virna Lisi

DOCES PALAVRAS

Beijando as doces palavras
que saindo de nós e se perdendo na voz
ganham o céu
de nossos frágeis corpos de vidro
que mostram o gosto de amor e dor

Chupando da doce palavra
o que tecemos na voz
lembranças de nós
quando digo te amo
outra vez às seis da manhã
faz de novo um desconhecer você

Porque depois de agora já não somos iguais
se ontem nessa hora
geramos beijos e paz

Pensando perto a razão
quando meu coração anda nu
por mil palavras e calças
Vou dizer às seis da manhã que te amo demais
até amanhã

Porque depois de agora já não somos iguais
se ontem nessa hora
geramos beijos e paz.

Gravada por César Maurício

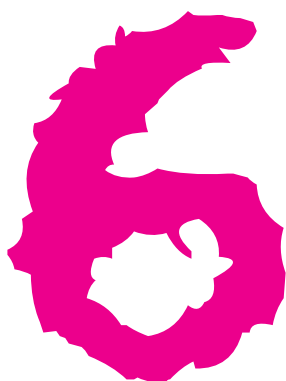
QUASE NADA

O meu humor depende do seu sorriso
o meu horror depende do seu grito
o seu desejo depende do meu umbigo
mas quase nada depende da gente
o meu horror depende do seu sorriso
o seu desejo depende do meu grito
o meu humor depende do seu umbigo
mas quase nada depende da gente

Gravada por Radar Tântã

VENTO

O vento bate e bate forte
faz não só que o cabelo voe
mas traz para bem perto minha vontade
e isso é tudo que deveria ser
a sua vontade é o que estou fazendo agora
reinvento e recomeço
como o vento que a gente não vê
e sente sem querer
o dia me pede mais tempo
que não tenho nem para comer
sou o cara que sai de manhã e volta com a noite
sempre contando os passos
rápidos até você
eu só sei que não
que não posso fugir agora
tenho que encher a panela
por o lixo para fora
trepas até de manhã
porque o vento bate e bate forte mas só quando quer
E é isso que incomoda
porque não falo de fome
nem falo de dor
eu só falo do amor
e do vento que insiste em não deixar você ouvir



E ELA DISSE...

Então, vamos? perguntou ela
e nada de respostas.
O silêncio toma conta da sala
o silêncio se arregala na falta da fala
e seu som dói os ossos.
Os olhos em outro lugar
o corpo sentado na minha frente
não responde e é meu esse corpo rosa
corpo que caminho dentro
campo de batalhas
campo, campinho
caralho
cor que varia de hora
Então vamos ?? pergunta ela novamente...
e nada novamente...

Ninguém disse nada
como chegou se foi
nave branca
ela que nunca tinha visto bela
ainda não tinha visto fera!!
sonhava quem dera
pensava ele.
o tonto beijo
o mar de acasos descasos sorrisos encontros desencontros
tropeços começo suor sangue pelos papel panos porra tropeços
ninguém disse nada
você foi embora comigo
daquele dia
não me lembro de nada

SOL NA JANELA

Ela gostava tanto dele
que deixava o dia passar
no caminho para sala
se lembrava que não tinha mesa de jantar

Mas sentava no chão
e o arroz e feijão
desciam feito qualquer coisa

E o sol na janela e ela lá
esperando a noite
pra vida voltar

Ela gostava tanto dele
que jogava flores pelo ar
e misturava ao seu cheiro de lux
o gosto do açúcar

E se jogava ao chão
e sonhava com o mar
e suas férias de verão

E o sol na janela e ela lá
esperando a noite
pra vida voltar

Bem devagar
feito ar
como as cartas
sob a porta

Gravada por César Maurício

Ela é todo som que passeia pelas ruas
Ela é todo sim que passeia nos ouvidos
Ela é tudo que navega pelas vias
Ela é toda por si

Ela é todos os meus caminhos invertidos
Ela é toda luz que incendeia meus instintos
Ela é toda de movimentos simples
Ela é tudo pra mim

Ela é todos meus minutos congelados
Ela é tudo e aqueles números trocados
Ela é toda paz que me persegue
Ela é toda pra mim.

Gravada por Renato Vilaça

A lua está no mesmo lugar
e nós dois sob ela
a lua passeia sobre nós
a noite é minha e dela

Sei, você pode até reclamar
que de nós dois sobrou
talvez algumas lembranças
e que nessa tarde ardente
entre os dentes desse mar
você é minha
e eu sua ilha
e a lua nossa guia

Sei o quanto posso me doar
sou forte, sorte, céu e ar
talvez nem tanto chão
enquanto nessa tarde ardente
a gente entre os dentes do amor
você é minha
e eu sua ilha
e a noite nossos dias

A lua está no mesmo lugar
e nós dois sob ela
a lua passeia sobre nós
a noite é minha e dela

2,69

Simplesmente assim, olhei você
você pra mim também,
fiz mil planos sim
amarrados panos de seu vestido
olhei pro céu e as ruas, que agora nuas
seriam nossas curvas

vi a lona, então beijei você, tudo estará bem!
simplesmente assim,
em seu lugar
até o fim!!!

A vida é louca assim, vi a janela
pro infinito enfim?
te amo ponto e fim?
aproveitei pra ver você mais uma vez!
quando percebi me dava por mais um
simples adeus

vi a lona, então beijei você, tudo estará bem!
simplesmente assim,
em seu lugar
até o fim!!!

vi a lona, então beijei você,
ficaremos bem
tudo estará bem!

as frutas estão ainda
soltas pelo chão...

Gravada por Transmissor



PODE ESQUECER

Ela vai criar raiz nesse jardim
e espantar todas abelhas do sorvete
sua mãe a espera para jantar
e os segundos passam como um foguete

Seu batom já começa a não ter cor
seu espelho já não fala mais
mulher, melhor é trocar de vestido
enxugar suas lágrimas e dormir

Pode esquecer meu bem
que o seu príncipe não vem

Ele vacilou demais
deixou o coração parar
esqueceu de tudo pra fugir
agora seu corpo cheira a flores mortas no jardim
e ninguém voltou para dizer adeus

Pode esquecer meu bem
que o seu príncipe não vem

Gravada por Radar Tantã e por Lô Borges

ELA DISSE

E ela disse
que quando fosse a hora você saberia
e que suas mãos
mais quentes que sua cabeça
seriam a companhia
pra quem anda pensando em nada
e mais
pra quem anda sonhando só

E ela disse
que quando fosse a hora você saberia
e que suas mãos mais quentes que a cabeça
seriam a companhia
pra quem anda falando de nada
e mais
pra quem anda sonhando só

Pensando em você sinto pena dos meus rins
sinto fome até de mim
e uma vontade de saber
porque essas formigas que fogem sem fingir
sentem medo de morrer e não mais voltar pra casa

Gravada por Radar Tantã

Seu vestido visto ao avesso
arremessa, arregaça as delícias
dessas que são
as linhas que te tecem
diante dessa pele

Esse vestido que refaço
desenhando em linhas e pelos
calma das mãos
fio de tensão
dentes em febre

Seu vestido eu visto ao avesso
por te ver direito
a bordo à beira
a borda do alinhavo

Comecei então quebrando um copo
enquanto os braços moviam
brandos
na manhã
bordando
lentos
lerdos
de tesão
seu vestido

Senti saudades antes do tempo
eu senti saudades antes do tempo



Você quer a porta fechada?
Ela falou bem baixinho
como a luz estava baixinha
e sua voz caminhava
como seu corpo
lindo e livre

Na janela uma luz linda
no meu ouvido uma voz lenta
como lentamente
devemos mover !

Desperta como uma cobra
esperta
como você quer a porta?

Nessa hora
minha língua lerda
se esconde
onde eu posso chegar
no seu cheiro
os movimentos
Lendo seus lábios
sob esse luar

SORTE

E tudo que ela queria
era caminhar sob o sol
esquecer o amargo do dia
e a sorte que queria ter

E quando a noite pariu
seu corpo embrulhado
na luz da lua
todo medo ficou para trás

E tudo que ele queria
era poder ser feliz
sonhar qualquer hora do dia
com a sorte que queria ter

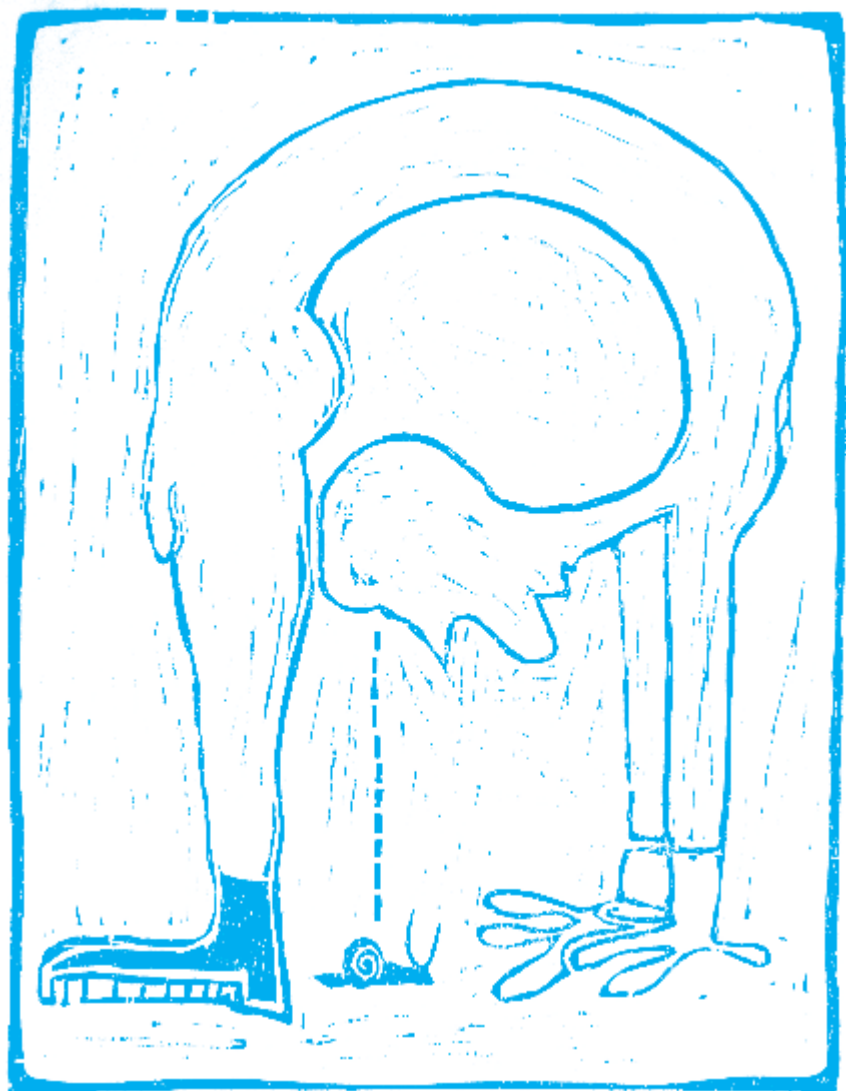
E quando a noite partiu
ficou seu corpo
sob a luz do dia
todo medo ficou para trás

Mas tudo que eles queriam
era amar e ser assim
contar as histórias do dia
com toda sorte que sabiam ter

Não rasgue nem parta
os versos escritos por nada
engasgue com meus ossos
enquanto me olha calada
cave com as unhas
aquele jardim, aquela casa
finja os sorrisos
minta, disfarce os olhares...
pediu a moça sobre o muro
descubra as asas!!!

Sob essa a terra molhada
passe na pele nua
pelada
a lama
pedaços de grama
nessa rua não passa nada
ninguém te vê dançar
berrou a moça no muro

Não a deixe à vontade
nem essa história na metade
como um fim de beijo
ou jornal



ficou um tanto de mim
ficou um tanto de mim nesse ar
ficou um tanto de mim nesse chão
ficou um tanto de mim nesse banco
ficou um tanto de mim nesse atrás
ficaram um tanto de vozes
ficou um tanto de nós
ficamos tanto tempo a toa
ficamos tanto tempo sem nós
ficamos tanto tempo sem nada
ficou um tanto de mim para trás

O sol de outubro bate nos tijolos
de tão marrons brilham como ouro
e os olhos de quem está fora
brilham na arquitetura
na soltura do concreto
gravidade em debate
coração que agora bate mais forte
estou tão perto de você
e meu egoísmo nem deixa ver
a lua sobe em dias por trás de você
e vem iluminar meu chão
e cada luz que de sua janela
convida a viver com você
uma caneca de chá quente
me tira do inferno
ei quem é você
ei quem é você
porque eu não saio daqui
corro pela rua
e te abraço como a um amigo
que há tempos não vejo
você tem medo de mim
e eu de você
todos os dias corremos de nós
lado a lado
como vai você?
ninguém chora por ninguém
mas quando choro por mim
me sinto ridículo
navego suas entranhas
navego no seu sangue
entro na sua casa
sonho na sua janela
deito na sua cama e acordo na minha

5

DAS ORELHAS
ÀS MÃOS

BEM VINDA!

Há uma dor sob o braço e na boca
há língua eu sei
há língua eu sei
seja bem vinda sob o braço
e sob a língua

Gravada por Virna Lisi

VAMOS DANÇAR

Ao som das juntas estalando
com os arrotos estalando
os seios balançando
junto à pança banha e ancas

Ao som dos cascos tilintando
abraços tapas apertos
transpirando respirando escorregando

Ao som dos ossos se quebrando
com um samba assim quebrando
as mãos suando balançando alças
a caixatampa que leva
e traz o riso chororezas rogos
e um morto
que depois de tudo virou o bom

Vamos dançar
vamos dançar
vamos dançar

Gravada por Virna Lisi



TÓRAX

Se o céu caísse agora
viesse até o chão
e embriagasse até os ossos da nossa alma
a tarde inteira

Eu não iria me importar
em carregar esse amor
até o fim

Se o mar secasse agora
meu corpo seria seu barco
quando o vento
for esse desejo
que eu invento

Eu não iria me importar
em carregar esse amor
até o fim

Gravada por César Maurício

QUALQUER LUGAR

Vou emprestar meu corpo
para você pra mim
e que possa me ver através de você
e são seus olhos que me guiam nesses dias
e seu calor é todo sangue em minhas veias

Eu quis parar o sol ao meio dia
e dar um mundo para você

Vou emprestar meu corpo e o cobertor
me aquecendo sempre através de você
e são seus olhos que me guiam nesses dias
e seu calor é todo sangue em minhas veias

Eu vi o sol parando ao meio dia
e a gente sabe
tudo pode acontecer

Pode ser sol e lua
a natureza muda
se você quiser
a minha casa é sua
eu vivo pela rua
posso te encontrar

O medo é sombra pura
e sobre o nosso amor
o tempo é que dirá
e em menos de um segundo
descemos do mundo
prá qualquer lugar

Gravada por Lô Borges e por César Maurício

ARES E PULMÃO

Nem tenha tanto medo assim
deixaram a gente nesse jardim
no fim de um anoitecer
descemos bem perto do céu
traços, desenho e papel
e a mordida num pão
a dobra desse cobertor
aspirinas e dor

Mas não vale se enganar
nem o nosso coração
nem vale separar
nossos ares e pulmão

Não, não, não
não, não, não

Sorria desse dia então
o vento nos tira do chão!
No fim de um anoitecer
será que bebemos do céu?
Ouço o despertador
nossa mordida no pão
a sorte de um cobertor
Aspirinas e Amor

Mas não vale se enganar
nem o nosso coração
nem vale separar
nossos ares e pulmão

Gravada por Transmissor



Alguém quer fazer parte
e a maior que arde
dentro do peito que salta
assalta assim
sob a camisa camiseta buceta
pula pulsa
amorcardiovascular acelerado
feito em partes
a parte que consigo carregar
com meus vinte dedos
unhas, dentes
todos se fazem em pedaços
partes dos pedaços doados compartilhados
experimentados
pulso, pulmão, mãos
alguns pulos cardíacos servem ao futuro
dentro da tal camiseta
então, ficam os beijos
guardados em caixas pequenas
tão pequenas que vazam pelas frestas da madeira
ainda assim alguém quer fazer parte

Sua pele minha superfície
desse seu caderno sem fim
onde escrevo versos
pela pálida pétala rosa
loucas estórias que se enroscam
nesses dias que se mostram
nas delícias dessa estrada

O tempo não se mede mais
traços escritos pelo céu
erros e acertos pela paz
seu corpo perde pelo mundo
o perfume que sua vida traz

Minhas mãos pela superfície
sua pele minha escrita pálida
o amor do ovo até o osso
minha boca sua orelha
ah, se as palavras costurassem
essa manta de sentidos
qualquer palavra seria um desperdício

O tempo não se mede mais
traços escritos pelo céu
erros e acertos pela paz
seu corpo perde pelo mundo
o perfume que sua vida traz

DAS ORELHAS ÀS MÃOS

Ela beijava ele buscando paixão
ele beijava ela com os olhos de dragão
assim se abriam os espaços no céu
e atropelavam os retalhos de chão

Ele buscava ela dentro da paixão
ela beijava ele das orelhas às mãos
e amontoavam os pedaços de céu
quando esqueciam que o tempo não para não

O peixe quando enjeita a morte
lança o seu corpo no céu
e depois no tempo
e depois no chão
e depois no vento
e depois no céu
e depois no tempo
e depois no céu

Gravada por César Maurício

Meu corpo estático estado de apatia
meu corpo em mim mesmo
meu dorso sob minha cabeça
e minhas pernas que carregam
esse corpo que quando dorme
apaga a luz do quarto

E o corpo aonde vai
quem leva
meu carro me leva
vejo aviões no céu
e você quando vê?

Há quanto tempo não tento firmar meus olhos no sol?
será a falta dele?

Acho que não
ele não falta, as nuvens tampam
e dizem quando vai chover!!
dizem os mais.... que dizem saber....
vi o sol e muito dele
mas vi a lua também,
e suas companhias, estrelas

E meu corpo onde está?
Pela rua, não diria!!!
Em cima da pia
em fatias?
Como o bicho que comi há pouco,
já longe de sua dor?

Digo amor várias vezes ao dia
muitos bons dias
muitas ironias
gritarias e arrependimentos
de coisas que nunca diria

Corria um dia, atrás de quem não conhecia
peguei pelo braço, perto da agonia

ira de deus, educação
que se movia pelo tesão na ira
guardei meu medo no bolso, junto à conta e o resto corria
solucei de cólera, não ri
de um eu mesmo
laços
que faço com meus pensamentos?
guardo no hd? ou no vento!

O que fazer dentro desse corpo?

Olhando pros pés
murchando antes que a cara
que murcha, que seca rápido

Andam rápidos os pés
some o viço
a cara não encanta
nem desencanta
em canto nenhum

Os pés levam pra cantos
seco no osso, o pé, a cara
levam para um canto
os dois levam
significam

Pé, cara
andam, tramam, adestram, puxam
num fio por um fio
frio pro frio
puxam sem dó

O pé leva
uma hora o resto murcha
sendo levado
murcha leve por um fio
num frio incontável



Vou começar dizendo que te amo
enquanto meus caninos gastos
num pedaço de pão trabalham
e deixam meu corpo de pé
não desisto de ser seu
insisto em ser de dentro
o corpo de sua pele
o osso de sua carne prata
alma que me possui e arremata
proteção nesses dias de vento
nesse tempo de chuva e sol

Vou terminar dizendo que te amo
enquanto prova do meu sangue
roendo uma maçã no café da manhã
são meus braços esses que te apertam
instinto de ser um só
consciência em tragos de purpurina
não desisto de ser seu
vestido, osso, olho e tempo
o sopro que expulsa a gente
os pés que vencem o céu
somos tudo nesse fim de estação

Vou te esperar cantando
quanto de mim é seu
quanto teimoso eu sou
quanto de amor sobrou pra nós

Que dor é essa
que cor é desse
que amor é esse
que corpo é esse aqui comigo...
Reflexos do meu umbigo
reflexos de meu instinto
estampa pra meus vestidos
Não desisto
mas não insisto
e condeno minhas fúrias a simples fúrias desnecessárias
Que dor é essa que te atormenta
você lembra?
Só nós dois vimos!!

No fim de tarde
o corpo arde
debaixo do teto
do apartamento
que sofre com a falta de vento
com a falta de mim
corpo
corpo
corpo
tempo
cor de outono
uma luz que deixa as formas das coisas com mais volume
e mais deliciosas
contornos das paredes
marcas e coisas que elas não vão dizer
mesmo assim seguem assistindo todos os dias
a luz desse outono sem fim
que sobe bem devagar pelas ranhuras da tinta clara
tranquilamente cômodo por cômodo
de tantas paredes brancas do que se faz essa caixa de vento
que insisto em não esquecer dos desenhos que risquei nelas
e num dia de loucura apaguei com tinta branca
e a carne que se consome ali
não era mais de meus uivos
de meu açougue corpo
nem sentiria mais meus músculos
nem me perceberá mudo
folha por folha fibra e fibra
uma por uma apanhadas de silêncio
e enfim o fim desse outono e sua luz quase amarela
e o inverno desse mundo ancora nos meus ombros
e minha navalha perdida no meu bolso
corta meus próprios tendões
e minha loucura assobia em meus ossos
com o vento que venta pouco nesse apartamento e cria
canto de lamento estúpido
mesmo assim lambo minhas entranhas e orelhas

devorando pelos e órgãos... todo esse escombros
e assombros
eu invento
lamento
pronto.
Já noite de verão.
Sai do apartamento.

parecia que tinha uma luz roxa e azul que batia
ora lambia a parede.

tap tap tap

tap tap tap

tap tap tap

o resto todo apagado

as peles, poros, os pelos das peles

os beijos

as marcas da pele

as manchas de bebida na camiseta

o queijo

os farelos dele

os outros farelos

dizzzzzz dizzzzzz

como se estivesse queimando mosquitos

no meio de tanta cor dizzzz dizzzz

trazia som pro silêncio

e tinha sim, uma luz roxa e azul que batia forte na parede

e escorria

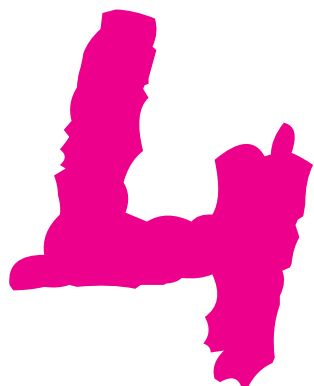
e não definia mais limite algum

tap tap tap tap

tap tap tap tap

tap tap tap tap





CANIBAL

OS SOLS
CAMINHA
NÃO SINA

PESSOAS QUE FICAM PARADAS DO OUTRO LADO
A RUA

LEITE

COME O PÃO A CARNE E O BUTI COMO PERDERIA
A FIM DE FORMAR EM ALMA
A ARREVEIA UM MOR DORMINDO
MORANDO PORÉM SORRINDO
DORMINDO

ENQUANTO ELE DIZIA BEM!!
DO DENOMINADO APOBECER NA
TANQUE O SOL EXPLODEIA
AS DUAS SÓEM FELIZES
PASSAM PELA PRIMEIRAS
LUVENHAO PARA O TEMPO
OS PREDIOS AS CORES PARDAS
AS PASTILHAS DOS PREDIOS AS
QUANDO O BONECO FICA
VERMELHO PENSOU AQUELE
MOVIMENTO QUE O PAI
SE LUTAVA E LAMANTAVA
JESUS MEUS NOITE!!
DISSE A MOÇA DO CAIXA
CERVEJA E O PRECITO E
QUEIJO E LANCHONETE FIM DO
TARDE!!!! A QUE TANTO DE
GENTE PENSOU QUANDO

ESCOLHA O DIA

Escolha o dia pra ligar
de todo espaço
sobrou meu lado
S em qualquer palavra
Porque as minhas
rasguei pra lá

Vamos combinar nossa roupa
e guardar nossa alma
pra depois do jantar

Escolha o seu lugar no sofá
e nas propagandas
lembre de não chorar
por qualquer coisa
que as coisas são
do lugar

Vamos combinar nossa roupa
e fazer dessa vida
um bom lugar

Escolha um dia pra ficar
de todo espaço
sobrou o nosso no céu
ou em qualquer lugar

Largamos
nossos sapatos
nossos trapos

Vamos combinar qualquer coisa
e fazer nessa vinda
um bom jantar

Gravada por César Maurício

AMORES AOS FIOS

Dias inteiros, noites ao meio
Necessidade de te abraçar
No tempo selvagem tudo é coragem
Na nossa verdade que vai sobrar no fim
E quem vai mudar enfim?

Amores aos fios descem os rios
Choram vontades que vão passar
Mas quando felizes
Deixam raízes
Olho no vento que vem soprar enfim
E quem vai ficar pra ver?

Se você me gosta lembre assim
Vem e apareça nesse jardim
O céu é estrada de muitos cometas
O amanhã será belo e seu
Vai ver!
O sonho é seu e fim!

ASSIM SEM FIM

Não finja um beijo que
já não é mais seu
nem diga que esse chão
da casa
não é mais meu

Se tem algo a dizer
que devolva em goles são
qual é o tempo dessa solidão?
aonde é o centro desse furacão?

Vestida de brisa assim
sob meus olhos de zeus
que te acompanham então
na casa
que adormeceu

Nem tenho tanto a dizer
mas trago ouvidos e pão
na velocidade de amores vãos
aonde termina nossa solidão

Se prepare para o que for
no raso do coração
o que ainda é meu
não me devolva não

Sorte assim sem fim
porque ninguém percebeu
as marcas de dentes
aonde você mordeu
me tem tanto a dizer
que o tempo eu conto assim
pra gente comer sentados no chão
aonde termina esse furacão.

Gravada por Skank

NOS JORNAIS

Se você chegasse e dissesse
tudo bem
vamos caminhar por ai
eu iria sentir minhas pernas
presas como raízes cheias de fé

Ah! se você me levasse pela mão
Ah! eu não iria nem olhar para trás
Ontem eu li nos jornais
alguém matou alguém
porra, eu chorei,
nem sei por quem, mas chorei

Se você me ligasse dizendo
eu te amo e nunca mais vamos nos ver
que bom!
Eu iria enxugar minhas lágrimas
num pedaço de pano qualquer

Ah! se você me levasse pela mão
eu não iria nem olhar para trás

Ontem eu li nos jornais
alguém matou alguém
porra, eu chorei,
nem sei por quem, mas chorei

Se você acordasse ao meu lado dizendo
eu te quero mais
só pra não sentir frio
que bom!
eu continuo dormindo enquanto o sol não vem

Gravada por Radar Tantã

LUGAR

Voltei pra ler aquele olhar
de um amor que a gente mesmo escreveu
que foi guardado sem pensar
nas linhas de um desejo meu

Fiquei olhando todo espaço
recriando um compasso seu
sorri sonhando em qual gaveta
nosso amor se escondeu

Chorei por ver nesse lugar
o que a palavra já teceu
sou do seu tempo um retrato
quando meu sonho era todo seu

Sorri por ver no nosso amor
todas as portas pra você e eu
fiquei pensando em qual cometa
nosso amor adormeceu

Mas guarde seu nome pra mim
seu dia eu não deixo mais ter fim
o vento arde em versos por saber
nessa tarde o sol é só por você

Gravada por Skank

TUDO EM CORES PARA VOCÊ

Nunca pensei viver o que vivi
estar tão longe nunca mais te ver
hoje o sol deixou de me acordar
e eu te amo tanto como a lua

Nunca pensei poder sobreviver
ficar tão perto desse louco amor
vou transformar tudo em cores pra você

Pode saber te amo até o fim
o sonho é prata e belo como a lua
hoje o sol lembrou de me acordar
te amo tanto que esqueço de mim

Pode dormir que eu te quero mais
talvez sonhar seus sonhos de amor
vou transformar tudo em cores pra você

Gravada por Lô Borges

NOSSO AMOR

Esse nosso amor
sempre em órbita por aqui
esse seu sorriso
que não deixa nada no lugar
e nossas histórias
que sempre fazem a gente rir
como esse cara
que insiste em dizer
para onde é que devemos ir

Sempre em frente
que depois da gente
vem alguém que eu nunca vi
e depois dessa gente
mais gente
e um disco voador

Esse nosso amor
sempre em órbita por aqui
esse seu sorriso
que não deixa nada no lugar
como esse cara
que sempre faz a gente rir
e nossas histórias
que insistem em dizer
para onde é que devemos ir

Você vai, vai acreditar enfim
que o coração diz mais
que os olhos podem aquecer

Gravada por Radar Tantã

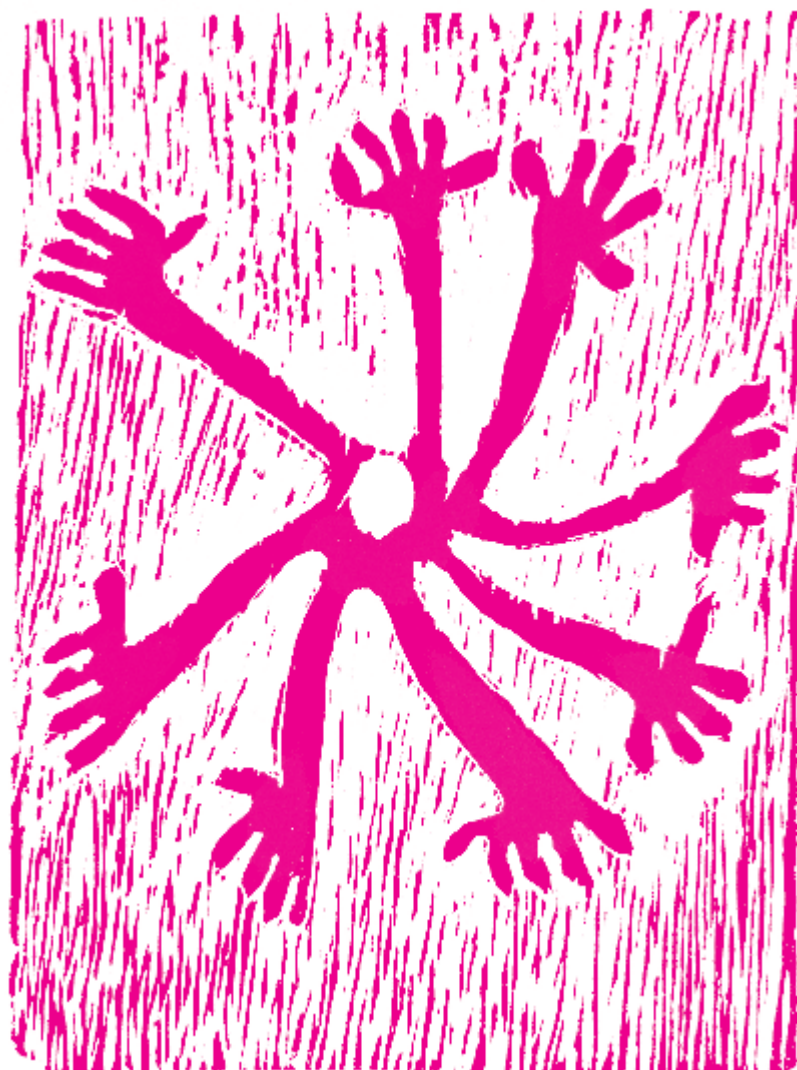
O ROL

Já cansei de me esconder atrás das mãos
de não dizer tudo o que eu quis
toda estupidez das palavras
toda dor que eu carreguei
toda raiva e vontade de sumir

Já cansei de me esconder atrás do medo
hoje eu vou bater na sua porta
sem telefonar

Até comprei uns poemas no sinal
hoje eu vou entrar pro rol
dos que não tem medo do ridículo
eu vou levar chocolate e flor
e um anel que eu achei

Gravada por Radar Tantã



ESSA CHUVA

Essa chuva que cai não é por você
esse sol que sai não é por você
mas essa mão
que vai em direção ao copo
é por você

Eu escrevo uma carta
eu decoro uma canção
sobre a chuva que cai
e esse sol que não sai
só por você

Quando foi que a gente se esbarrou
eu não me lembro
agora mais um gole
um por mim outro por você

Eu escrevo uma carta
eu decoro uma canção
sobre a chuva que cai
e esse sol que não sai
só por você

Essa chuva que cai não é por você
esse sol que sai não é por você

Gravada por Radar Tantã

Sei bem o que verei no fim dessa rua
você ainda dentro desse ar
que te circula
te ver, simples assim
perdida sob mim
escondida sob a névoa
que brota assim assim
de você

Pensei ser de ferro e brasa
nosso coração
bordei em nós
verbos de lã
rimas de brisas e orvalhos
e o mundo perdido entre nós

Sei bem o que terei no fim dessa rua
o nosso coração acelerado
olhos coloridos
sorrisos de chegada
amor canibal que devora
os calcanhares

Sei bem o que teremos
dessa cidade então
você cantada pelo vento
sem tocar em nada

Pensei ser de ferro e brasa
nosso coração acelerado
guardamos em nós
verbos de lã
rimas de brisa e orvalhos
o mundo perdido entre nós

ATÉ FERIR

Se você quiser, eu posso ir até aí
atravesso a rua e levo você a qualquer canto da lua
e quando for a hora de fugir
eu vou me esquecer que fingiu pra mim
mas se um foguete aparecer
eu te levo mesmo assim

Mas se você não me quer, por que acena tanto assim?
vou tirar da sua língua
palavras cruas do nosso beijo no meio da rua
e quando for a hora de partir
eu vou me esquecer que mentiu pra mim
mas se o meu beijo arrefecer
eu te amo mesmo assim

Mas se você não me quer, por que acena tanto assim?
vou tirar da sua língua
palavras cruas do nosso beijo no meio da rua
e quando for a hora de partir
eu vou me esquecer que mentiu pra mim
mas se o meu corpo estremecer
eu te deixo mesmo assim

Mas se você quiser
eu posso ir até aí
atravessar a rua
e beijar você até ferir

Gravada por Carolina Lima

ANTES DA CHUVA

Os raios sobre o chão sobre as cabeças pára-raios,
os raios duplos caem e torram
a chuva leva tudo para o ralo,
para o cano, para o esgoto,
para o rio e para o mar.

Antes da chuva, sempre os raios, sempre os raios
então viva os raios e os pára-raios
viva os raios, viva os raios,
viva a chuva e o guarda-chuva
viva os pára-raios e os raios
antes da chuva, sempre os raios, sempre os raios
depois da chuva pra que guarda-chuva?

Gravada por Virna Lisi

AVIÃO

E você olhava o céu
procurando o que ver
quando veio um avião
logo quando ia dizer
logo quando ia dizer
o que é que vamos ver

E eu olhava o céu também
procurando te ver
sob o som desse avião
logo quando ia dizer
logo quando ia dizer
quando vamos nos rever.

Gravada por César Maurício

Amanhã vou sair para te buscar
sair para procurar o que fazer
hoje vou provar o que eu não sei
vou buscar no fundo o que posso

Hoje eu vou usar aquele vestido por você
pois, sabe,
amanhã pode ser tarde
eu posso não querer mais, eu sei
vou buscar suas coisas onde elas estão
não me preocupo e é só,

Amanhã eu vou sair para buscar o fim da tarde para você
sabe porque ?
no fim o céu é azul
no fim o céu é seu

Amanhã vou sair para te levar
voltar para meu lugar
hoje vou provar minhas lembranças
vou ali no meu coração bem perto de você

Hoje eu vou usar aquele sorriso para você
pois, sabe,
amanhã pode ser tarde
você pode não querer mais, eu sei
vou guardar suas coisas onde elas estão
não me preocupo e é só

Hoje eu vou sair e buscar a manhã para você
sabe porque ?
no fim o céu é azul
no fim o céu é seu
Amei
arrei essa pra nós
as mesmas histórias sem fim
amou-se

eu sei
amei naquele momento
você aqui do mesmo lado de dentro
rio sem margem, fino fio

Armei pra nós
um canto sob a janela
longe dos destinos
bem perto de um rio
amei do jeito que sei
estrelas e jardins
e o mundo se certificando de mim

Amamos
guardamos essa pra nós
um mar de sinos tocando
você parada olhando pra mim
e os sinos tocando

Te amo
e você duvida tanto assim
faz tantas perguntas
quando o sol de amanhã
responderá cada uma
meu bem
porque as lágrimas correm
tão simples assim
sob a lua azul de tanto amarelo

Olha
não vamos transformar
esse líquido amor
num mar que não responde
estrelas que vão se apagando
infinito som

Meu bem
agora eu sei porque você repara
na minha fala
são as ruas, as veias, os rumos
os segredos guardados no fundo
tudo tão simples assim
tudo tão raro

Gosto de seu sorriso rindo
esse lindo clarão de ar
gosto de tudo que quer dizer
babar meus ouvidos
lamber meu umbigo
derramar um mar
uma paixão pelo ar e lençol

Desse gostar faço um remanso
um abraço
um laço
um amor feito de aço

Num papel branco
de parede e flor azul
do chão ao teto
que decora a hora
daquele sorriso que te digo

HOJE EU VOU TE ESQUECER

O que será de você sem nós
Mais uma flor na janela
Mais uma dor sem o remédio que a congela
Feito o fim doce da primavera

Quando chego no bar em frente
Onde o seu ônibus vai passar
Há sempre alguém dizendo eu te amo
Só que ninguém vai escutar

O que será de você sem nós
Se os sonhos têm cores belas
Se seu olhar diz por fim: por que tanto esperar?
Se somos água, se somos terra

Sinto muito, eu tento esquecer
Sinto muito, hoje eu vou te esquecer

Sempre o seu sorriso é quem vai dizer
Se o meu dia pode ser bom
Sinto na sua alegria o meu prazer
Mesmo que nesse jardim nos falte o som

E o que será de você sem nós
Mais uma flor na janela
Mais uma dor sem o remédio que a congela
Feito o fim doce da primavera

Sinto muito, eu tento esquecer
Sinto muito, hoje eu vou te esquecer

Gravada por Carolina Lima

POR CIMA DA LAJE

Procurei por toda parte
embaixo da cama
por cima dos móveis
debaixo de cada lembrança
acima de qualquer fantasma
por trás de toda a sorte

Onde a gente escondeu toda a nossa coragem?
Onde foi que se perdeu toda aquela vontade?

Vamos beber tudo de nós até passar
para poder voltar pra casa e dormir em paz

Procurei por toda parte
em cada caderno
por toda a bagagem
por trás de cada esperança
em várias capelas
por toda a cidade

Onde a gente escondeu toda a nossa verdade?
Onde foi que se perdeu o mapa da nossa viagem?

Vamos beber tudo de nós até passar
para poder voltar pra casa e dormir em paz

Procurei por toda parte
por baixo de todos os beijos
acima dos nossos feitos
o porquê de cada trago
por trás de todas as mentiras
além do nosso lado

Onde a gente escondeu toda a nossa coragem?
Onde foi que se perdeu o mapa da nossa viagem?

Vamos beber tudo de nós até passar
pra poder voltar pra casa e dormir em paz

Gravada por Carolina Lima

OS MEUS DIAS

Ouvir a sua voz é buscar no fim
e em qualquer tempo a minha vez
quero só ser feliz, quero só
e só preciso da sua voz na minha orelha

Ontem cheguei em casa e a luz da secretária não te mostrou
lá não me sinto tão sozinha, tenho os meus discos,
tenho um cachorro que abana o rabo quando chego

São esses os meus dias
são esses os meus dias, se você deixar

Você precisa tentar, você precisa tentar
você precisa tentar, você tem que experimentar...

Ouvir meus passos sobre suas costelas
o som baixo da televisão
sumindo com o som de sua pele sob a água infiel
na geladeira temos duas cervejas, ou o bar da esquina

Eu tenho fé em todos deuses da índia, em todos santos cristãos,
na luz vermelha da secretária, que terá a sua voz sob ela
você me ama?
Porque eu posso te amar!

São esses os meus dias
são esses os meus dias, se você deixar

Você precisa tentar, você precisa tentar
você precisa tentar, você tem que experimentar...

Meu café sem açúcar, meu bom humor de manhã,
o pão quente da padaria, e o meu beijo em você todo dia

Gravada por Carolina Lima

Não desista de mim nessa estrada
veja o dia escorrendo pelas beiradas
você diz bom dia você diz não sei
amor refeito no nada
amor desfeito na estrada
nela quem caminha carrega a linha
desfaz os nós, mas não desfaz a rima

Não estou acostumado ao chão
parei olhei o ar respirei pro céu
pensei em fins pensei em risos,
lembrei de nós,
enquanto a noite ia
sonhei nosso amor sorrisos pro dia
e nossas dúvidas que caminham frias

Te busquei pelos vãos, não sou só solidão
da janela de meus óculos rezei você
cantei o canto de quem inventa o pranto
amores parentes
desfeitos por nada
mudo no caminho sou feito de asas
toco suas mão com meus pés nessa estrada

Gravada por Carolina Lima



ALGUÉM ASSIM

E quando deram conta
O dia já tinha cumprido o seu papel
e com a noite veio vindo
o gosto de beijo na boca

Mas esse carro que nunca cumpre a hora
e elas que sempre querem agora
na coragem de gostar de alguém assim
se enroscam e rolam como animais no jardim

Elas sempre deixam a nave passar
se enfeitam, perdem a hora e o lugar
e se um dia a sorte enfim acabar?
o que vaza forte pode vir a secar

E quando deram conta
a noite caminhava pela babel
e com o dia veio vindo
o gosto incerto da saudade

Mas essa chuva que lava todo o diesel
e elas escondem o medo com sorrisos
na vontade de querer alguém assim
se enrolam sob o sol e esperam o fim

Elas sempre deixam a nave passar
se enfeitam, perdem a hora e o lugar
e se um dia a sorte enfim acabar?
o que vaza forte pode vir a secar

E quando deram conta
tudo secou feito perfume ruim
não mais haveria faz de conta
com tanto medo de querer alguém assim

Gravada por Carolina Lima

COMEÇO DAS ASAS

No chão quem flutua mesmo assim
é o silêncio das nuvens rasgadas
no gesto que engole a nossa voz
é a nudez de um tempo sem calma

Olhe e dê um alô para mim
é o começo da estrada
veja, isso não é o fim
é o começo das asas
o beijo trouxe uma paz para mim
como poros e lágrimas

Minhas roupas no seu jardim
sem sentir as amarras
no chão quem flutua mesmo assim
é o silêncio das nuvens rasgadas
no gesto que engole a nossa voz
é a nudez de um tempo sem calma

Você ainda canta pra mim
os olhos já não são nada
nem tem qualquer canção no céu
vejo nuvens rasgadas
é o começo da estrada
é o começo das asas

Gravada por Telo Borges



3

O GIRA



SE DESCE A LONA VIRA CIRCO SE CERCA VIRA HOSPIÇO

Eu não falo a sua língua nem sei do que está falando
eu não sei de nada, gente não enxerga tudo
suas palavras eu não entendo
suas frases eu não concluo
eu acho tudo um absurdo

Eu não vejo nada
eu não sinto nada
eu não sei de nada

Eu não falo a sua língua nem sei do que está falando
nosso alfabeto é o livro do absurdo

Quem disse que na mesma língua eu te entendo
só te escuto, não te vejo nem percebo
tudo some na neblina
eu acho tudo um absurdo

Eu não vejo nada
eu não sinto nada
eu não sei de nada

Gravada por Virna Lisi

NA MEDIDA

Eu não quero mais saber
sobre tudo, de todas as coisas
eu estou deixando a vida
me levar, me levar

Eu não quero mais ouvir
sobretudo o que falei
você bem sabe
eu estou voltando para a vida
me levar, me levar

Na balada
Na medida
Na porrada
Na balada
Na loucura
Na porrada

Eu não quero nossas coisas por aqui
sobretudo as unhas dos seus pés
eu estou ficando para a vida
me levar, me levar

Na balada
Na medida
Na porrada
Na balada
Na loucura
Na porrada

Gravada por Squadra

LUCIDEZ

Os anjos estão de batom
os santos estão de batom
lucidez
lucidez
acidez na saliva

Num posto imundo de gasolina
os anjos estão de batom
os santos estão de batom
os anjos estão de batom

Vi seu retrato num poste
vi seu retrato num poste
vi seu retrato eu vi meu retrato
eu vi mil retratos num poste

Gravada por Virna Lisi

GIRA

Gira gira gira gira
gira gira gira gira
a fila vira a esquina, some sem fim
gira quebra a esquina
ninguém vê onde começa onde termina
a fila circula e gira, ninguém chega ou vai

Só giram, giram, giram, giram
giram, giram, giram, giram

A fila vira a esquina some e gira
a fila vira a esquina, cresce em giras
sem começo e sem fim
sem tropeço e sem fim

Todos na fila giram e vêem que giram,
giram giram giram giram
giram giram giram giram

Gravada por Virna Lisi

Ria HiENA.

O CHORO dá comida a UM JOÃO
A RISADA ALIMENTA UMA HIENA
QUE COÇANDO a BARRIGA Ri
COÇE a BARRIGA E riA.

HiENA RiA hiENA RiA RiA HiENA RiA HiENA RiA.

O CHORO alimenta A UM JOÃO
a RISADA dá comida a UMA HIENA
QUE COMENDO A MÃO ATÉ o COTOVELO Ri
HiENA RiA, HIENA RiA, RiA HIENA RiA hiENA RiA.

O CHORO dá comida A UM JOÃO
A comida alimenta UMA HIENA
QUE COÇANDO a BARRIGA Ri.
COÇE A BARRIGA E RiA.

HiENA RiA, HIENA RiA, RiA, hiENA RiA hiENA RiA,
SEM a MÃO E SEM a GENGIVA CHEIA RiA.

Gravada por Virna Lisi

TARDE DE TERÇA-FEIRA

Nesta tarde de terça-feira
quando não se tem mais o que fazer
os carros começam a se esconder da chuva
todas as gotas procuram onde ficar

Os cabelos parecem não ser a melhor casa
as mãos não conseguem prender todas
os pés rápidos que fogem
espalham as que dormem

Nesta tarde de terça-feira
quem teve mais sorte viu quando ela apareceu
os vidros impediram sem dó e medo
ela carregada de sonhos e ácidos trazendo o mundo

Dentro de cada gota um pedaço do céu
e dentro de cada pedaço do céu
uma gota de chuva
e dentro de cada gota uma gota
e um pedaço de você

Gravada por Radar Tântã

Pode trazer as ruas
pode trazer as rugas
pode trazer os dias
pode trazer as filhas
pode trazer as flores
pode trazer a cor
pode trazer o corpo
pode trazer a dor
pode trazer a memória
pode trazer o som
pode trazer sim
pode trazer o fim
pode trazer a banda
pode trazer o texto
pode trazer o padre
pode trazer a mãe
pode trazer a arma
pode trazer a puta que o pariu
pode trazer o cão
pode trazer o João
pode trazer quem você quiser
hoje é de graça

CABEÇAL

Uma bala separará
milhões de células depois do estampido
e a carne arrumará espaço onde não há.

Uma faca separará cabeças
como num jantar onde o frango perde a sua.

Além da lâmina o que passa pelas cabeças?
Além do chumbo o que passa pelas cabeças?
Todos balançam as cabeças como alvos.

Gravada por Virna Lisi

BREJO LODO BOCA MANDÍBULA

Perder para as mandíbulas a língua
que num beijo finda entre os dentes
e o sangue quente
os dentes mascando a língua
cuspindo a língua
mordendo ela e cuspindo ela

Num beijo de mandíbulas quentes
mascar a língua e engolindo ela
sorrir aos berros cuspir aos berros
e sorrir aos berros
brejo lodo boca mandíbula

Gravada por Virna Lisi

O QUE NINGUÉM SABE

Tudo que eu já sabia
tudo o que todos viam
vou desenhar sua cara
vou rabiscar sua cara
vou avessar sua cara
vou transformar sua cara

Um anjo desceu e babou no meu ouvido
um capeta subiu e soprou

Tudo o que eu não sabia
vou usar cola, cuspe, sêmen
pra refazer sua cara
redescobrir sua cara

Gravada por Virna Lisi

SETE MIL CABEÇAS

Te chamo por qualquer nome
que é por ele que está sempre voltando
com cara de quem não quer virar
com cara de quem não quer olhar

Por que sei que me atende
por que sei que me atende
te chamo
que é por qualquer um que está sempre a virar
com cara de quem não quer olhar

Mas vira
e transforma em mil
sete mil cabeças de cobra seus poros
por que sei que me atende vai voltar
sete mil cabeças sorridentes para mim
cospem gemem um som que não é daqui
por que sei que me atende te chamo

E tudo e todos param e eu?

Sob seu bafo suor e braços
sete mil braços em mil voltas esganam num abraço
e tudo e todos correm e eu?

Gravada por Virna Lisi



NAFTALINA

Gosto do cheiro de gasolina
gosto também de naftalina
gosto do gosto da sua boca
do seu cigarro

A qualquer hora esse seu beijo
ao meio dia, o sol rachando

Esse seu cheiro de cigarro, esse gosto de bebida

Gravada por Radar Tantã e Ira!

SEU SONHO

Se no seu sonho
você me masca feito um chiclete
e usa os seus dentes de borracha
e velozmente me mata

Com seu abraço
sinto acordado o medo que disfarço
e me entrego todo ao seu estrago
e nessa hora peço até um trago
de eterno

Se essa capa de herói
não nos salva mais...
já é hora agora dos simples mortais.

Se no seu sonho
você me engole feito um copo água
e usa os seus lábios de metal
suavemente se acaba

Luz que se apaga
eu sonho só, insone, acordado
então dispenso o medo que disfarço
e nesta hora peço outro trago
do eterno

Se essa capa de herói
não nos salva mais...
já é hora agora dos simples mortais.

Gravada por Renato Vilaça

E mais alguém passou pela rua
foi o que tive, o que deu
aquilo tudo
aquele sal
então ele vem na esquina
e enquanto corria, vencia e fazia sofrer o vento
enquanto a sombra se reproduzia sob o sol
entre o chão marquise e papelão

Assim beijei-me e fim
foi o que fiz, foi o que deu
o sol em mim
os grãos que passei a contar
quando saltaram dos meus sapatos
ele não acompanhou com os olhos
que seguiu sem verbo e vento

Estrutura, fissuras, tesão
ela não viu falhas
ele não viu ninguém

Daí os pés mudaram a direção
rumo ao sopro que se separa
rumo ao tempo que se estica
sou seu vento agora
no rosto e outros pedaços
quando seremos rio, meio fio
vapor de asfalto
me percorra nosso corpo
como quem anda sobre saltos.

Quis dentro desse acaso
seu fluxo e seu regaço
não te peço outra delícia
quero seu nosso amor e a preguiça

2

NA DÚVIDA ATIRE!

ACORDA TEREZA

Sempre chamando para uma velha dança
quando o corpo ao vento se balança sem parar
você quer ver quando estico o meu pescoço
na sua hora do almoço

Tereza você não me ama
você quer a minha morte
você quer a minha sorte
saia de mim Tereza e ouça esse samba que te faço

Tereza você não me ama
você quer a minha morte
você quer a minha sorte
saia de mim Tereza, não serei a sua mesa
essa sua fome mata
cê traz consigo esse sorriso de menina
que eu não quero ver.

Tereza você não me ama
você quer a minha morte
você quer a minha sorte
do seu sonho eu faço parte
eu tenho medo e me estico inteiro
eu não quero ver

Acorda tereza acorda tereza, acorda tereza, acorda tereza, tereza,
tereza
acorda tereza, acorda tereza, acorda tereza, acorda tereza.

Gravada por Virna Lisi

DURMAM

Dizer frases ridículas
ficar de pé
chorar simplesmente
se cada cara na rua
olha para nós com o medo
de quem não sabe o que dizer

Quem não vê o ridículo
e quem importa?
chorar simplesmente
se do outro lado da porta
não existe resposta
e eu abro mão da sua reza por nós

Não vou chorar na sua frente
você se importa?
ou vai sorrir simplesmente
se na nossa estória
não existe memória
e você chora por não saber o que fazer

Durmam, durmam
fechem os vidros dos carros
pro ar não passar

Gravada por Radar Tantã

NA DÚVIDA ATIRE

Não tenha medo meu bem
são só palavras
não tenha medo meu bem

Hoje as coisas são assim
dê presentes perca os dentes
não perca a fé
a casa cai o prédio cai
sobre a cabeça os aviões
um aperto de mão e um belo sorriso
e decerto tiros

Não tenha medo meu bem
são só palavras

Acredite sempre não questione nunca
moral só a da história
razão só se for com uma arma
tenha a bolsa sempre presa às mãos
confira o troco não dê trocados
alarmes nos carros e muitos cadeados

Nada de cassino só bingo
trabalho escravo isso é ficha
é só comprar no caixa
os índios de calção camiseta Disney
igrejas que nos salvarão
duvide sempre a ocasião faz o ladrão

Gravada por Radar Tantã

CINEMA

Toda vez que vejo alguém não abrir os vidros no sinal
lembro sempre de você
nesse mundo estranho
e vendo sempre a mesma cena
estou ouvindo uma buzina chorar
sinto vontade de andar

Será que a moça do chicletes dança é para você no sinal?
esqueço sempre de comprar
mas amanhã eu vou levar
e faço sempre a mesma cena
eu vou andando sem sair do lugar
sinto vontade de cantar

Será que aquele cara vai avançar outra vez o sinal?
e eu pensando em você
nesse amor estranho
eu, muda, e é sempre mesma cena

Hoje é só um dia normal
bom que é só um dia normal
e, se der, vamos até passear
dizem que tem um filme legal

Gravada por Squadra



RADIO SONG

Essa rádio vai dizer quantas horas são
vai tocar todas as músicas que sei
vai fazer deste dia o mais feliz
e a gente vai lembrar
da cor do seu cabelo

Essa rádio que só toca músicas ruins
vai fazer a gente gostar de todas
nossos sonhos sempre são assim
pão e manteiga
sorrir de manhã

Essa rádio vai dizer se vai chover
vim para ver a chuva
o guarda-sol agora é o rei
e você não vai esquecer da cor da minha camisa

Essa rádio que só toca músicas ruins
vai fazer a gente gostar de todas
nossos sonhos sempre são assim
arroz com feijão
pagar as contas

Essa rádio vai falar de futebol
vai tocar todo o hino que eu sei
e a gente vai cantar junto
e você vai lembrar da cor do meu cabelo

Essa rádio que só toca músicas ruins
vai fazer a gente gostar de todas
nossos sonhos sempre são assim
uma tv
ouvir o rádio na manhã

Gravada por Radar Tantã



TUDO É VERDADE

Tudo é verdade
tudo é cor
nessa mesma folha de pigmentos de luz
falei de diversas coisas
de muitos sorrisos

Usei o branco da luz
usei o não sei de quê
não é papel não é chão
não é teto não

Tudo é saudade
tudo é dor
nessa mesma frase de consoantes azuis
falei de diversas coisas
de muitos caprichos

Usei o branco da luz
usei o não sei de que
não é papel não é chão
não é teto não

Não é ar
não é nada
é tudo
é a palavra
é a letra
não dita
mas escrita
e cravada
no nada virtual
na pedra ancestral
de quem vier

Gravada por Carolina Lima

WC

Vem ver, vem ver
como é ficar esperando feito um otário
e o tempo passando
olha como as mãos são frias
como o beijo é frio
a revista é fria

Pra quem passa os dedos
pra quem lambe os beijos

Vem ver eu passar os dedos e lambar os beijos
vem ver, vem ver
como é ser defunto
seco frio e sorridente

Vem ver eu sentado esperando
daqui eu nunca mais saio
só se for por você.

Vem ver eu passar os dedos
e lambar os beijos por te ver

Gravada por Virna Lisi

1

O QUE DIRIAM OS
VIZINHOS?



De prato feito na frente da cara, ele!
que não sabia o que dizer
procurava tanto
nas mãos compridas
que bordavam a borda do prato.
Silêncio!
a porcelana vai partir
ele pensou
trincar no infinito
íntimo
a porcelana branca
bordada naquele então
trinca
track
quase silencioso
quase vigoroso
quase leite
entre os dedos
diga!
Que silêncio é esse?
Não gosta da comida?
Não!!!
Seus dedos
olho os seus dedos
a lousa trincou?
Fundiu, dobrou
abriu a porta entre
o feito branco
dessa porcelana infinita
nas suas mãos
de carne feita

Esse não!
pensou
carroceiro bobo!!!
passa aqui de vez em quando
quando tudo amarela
quando tudo é sépia
foto construída na cabeça
antes dos olhos
então!
preto baixo...
bonito
feliz
esse sim levanta minhas manhãs
manhã
esse sim levanto o braço
que corta o vento
que corta os laços
então vão?
com passos bêbados
mesmo
tonto
levando esmagado entre os dedos
os desassossegos em farpas
dê descanso pro coração
no fim
de tudo
o fim
vou te chamar pelo nome
e pela fome
do meu corpo

TODOS OS DIAS

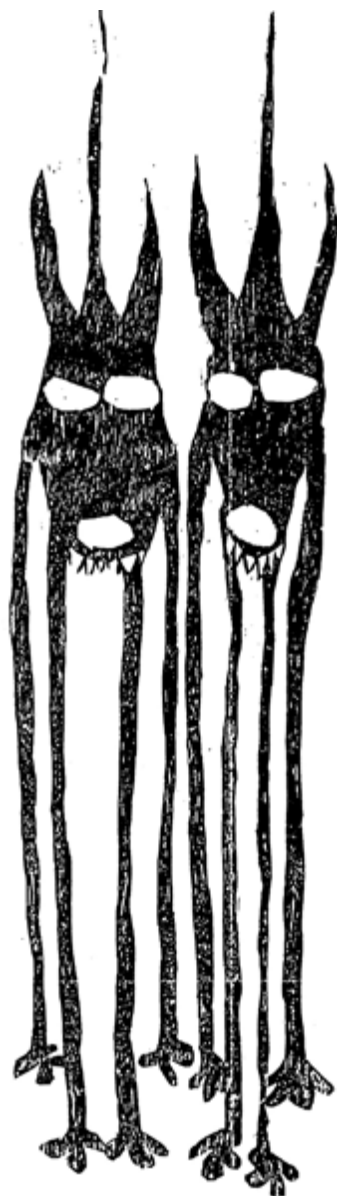
Minha mãe trabalha todos os dias
o dia inteiro e à noite vê novela
Meu pai trabalha o dia inteiro, meus irmãos também
o dia inteiro uns vêem novela, outros não

As mães dos meus amigos também trabalham
lavam, passam a roupa dos seus maridos
que trabalham o dia inteiro

Meus amigos trabalham o dia todo, alguns,
outros procuram o dia todo
Os cães dormem, coçam, comem o dia todo
e latem à noite

No final dessa semana meu time vai jogar
a banda que eu gosto vai tocar
minha namorada vai vir por aqui.

Gravada por Radar Tantã



Um dia acordei
sem vontade de comer nada
era muito cedo
o telefone ficava na cozinha
meu pai ainda espalhava pão pelas bocas abertas
diárias
e o que guardava na outra mão
era para seus dentes de porcelana
os bichos se devoravam por um miolo de pão
e meus miolos quentes...
rasga!! rasga!!
o pão alimenta a alma e os cães
ainda não eram 6 da manhã e minha alma e coração
já se viam menos
carne presa em seu batidos
os cachorros roíam mais pedaços de pão
e dentro de cada mordida dava para ver
a saliva escorrendo que encharcava meus olhos
meu corpo suava entre cada mordida
o braço continuava a rasgar os pedaços que voavam
sem tocar no chão
não dava tempo todos certos entre os dentes
olhos vermelhos dentes brancos
olhei para o homem
olhei para os cães
olhei para parede
olhei para o chão cheio de farelos
vi o corredor que me daria a rua
senti falta do pão que não comi
senti a barriga
a alma entre os dentes dos cães
e percebi sua elasticidade
busquei com as mãos uma sacola de plástico estampada
tomei dos cães a alma esfaqueada
e a pulverizei na semana daquele ar
tudo ali jogado no meio da semana da cozinha daquele homem
agora eram os gatos que me pediam algo que não entendia

mas sabia que tinha perdido
e diante daquilo tudo os azulejos continuavam azuis
até o meio da parede
um café com bastante açúcar
um corredor enorme a rua
passei a sacola entre os dedos e fui.

MÃE MÃE

Hoje cedo de manhã
já era tudo
e aquele bobo medo de viver
deixou a gente
fora do mundo

Ontem cedo de manhã
já era muito
e aquele doce medo de viver
nos travou nus
fora do mundo

Mãe mãe mãe mãe
o que eu faço agora
o coração que não é o meu
foi embora!

Gravada por César Maurício

O QUE DIRIAM OS VIZINHOS?

A casa não é de ninguém mais
e nem de quem foi,
o dono saiu
sai, sai, sai, sai, sai, sai
sai, sai, sai, sai, sai, sai

Quem diria
a casa não é de ninguém mais,
mas vai,
vai, vai, vai, vai, vai
vai, vai, vai, vai, vai

Correndo para o outro lado longe,
louco, longe, longe
louco, longe, longe.

É pra ser entendido ou impedido?
o certo não pode!
Certo é o que diriam os vizinhos.

Gravada por Virna Lisi

FORMIGAS NUNCA MORREM DE FOME

Não há nada dentro do jarro
nem dentro do vaso
nem dentro do bule
ou em cima da pia
não há nada dentro da boca
nem dentro do prato
nem dentro do jarro
nem dentro do vaso

A gente quando quer mata
há gente que quando quer cria

Um dia sobrou muita mentira
trocados no jarro
muita bosta no vaso
pouca borra no bule
e formigas na pia

Gravada por Virna Lisi

O tempo passa feito enxurrada
feito lava a memória que esfumaça
em espumas de imagens que escurecem
o papel amarelo em branco e preto
forçava minha memória contra a parede
contra sua pele
os grãos
os grampos
os pelos postos um a um
os sons e cheiros
os grãos do papel kodak
balaies de frutas na feira
parte preto outra branco
desenhos?
sandálias, disfarces
perfumes, vestidos, jeans

Passos entre compassos
do coração que teimava em ser rápido
não impediam meus dedos
doce depois dos linhos
lábios sábios saborosos lábios
dono dos lábios e da noite
mesmo que não volto da mesma forma
jogue-me sob seu corpo
em linhas verticais
pernas, sumos
beijos, muitos beijos

Entre tantos anos antes
imaginei olhando a rua
de baixoacima o antes
que ficaria
aqui vou deitar meu corpo
no dia do futuro

Entre tantos anos depois
meus olhos ainda lisos
tentam tampar o som dos carros
e escolher a esquina que paro
e o tempo congelado na retina
não vê o tempo de tantos passos
que cortam os ventos tantos

Noite aquela noite
entre tantas, nunca deixei de ver
parece a cada dia
mais cinza escura de um olhar
central de memória e imagem

Aquela noite não me deixa
Entretanto, tantas noites depois
ali nasceu a mãe o pai os filhos
de dentro de corpos e ossos
na noite que parei porque
parei
parei
parei
olhei, a rua acima
e de memória desenhei um futuro
como se pulasse um muro.
Parece que a dor tomou conta do cão que baba em seus beijos
com a língua seca a dor
que ninguém conhece somente ele cão
um breve silêncio a dor e desconfiança
e o canto

mulher de contos sorrisos
mulher de tantos
contos e prantos
e o manto da sorte guardado no vestir da saia...
a ordem das coisas seria assim mais ou menos
seria de outra forma e fonte
seria minha seria nossa sorte
e o cão ta dormindo agora
parece que tudo parece estar da mesma forma

CÃO EM FUGA

No caso de você não lembrar
quanto bate o coração de um pobre cão em fuga
e se algum anjo pode aparecer
nessas noites frias
em que o seu bom sono não vem
tirar você deste lugar
nesse ônibus que atravessa a cidade

No caso de você não lembrar
se ainda temos grana para contar
e se os seus trapos te servem bem
qual realidade é que vai nos levar
enquanto o sono não vem
nos seus braços eu me carrego pela cidade

Essa é pra você lembrar
de quanto eu posso te amar
será que ainda temos alma pra salvar?

No caso de você não lembrar
se ainda temos fome para matar
e quanto de paixão é preciso
qual palavra falta pra poder a gente tirar
dos nossos pés esse lugar
são seus olhos que me carregam pela cidade

Gravada por Radar Tantã

A água que você joga pelo corpo
não me custa limpar
nem sua blusa nem o chão
bom é ver sua cara de sacana
dizer olhe para mim
só eu sei que você não precisa fazer nada
te olho e te vejo em qualquer lugar
Dentro do copo tem água
e me tem derramando em felicidade
a água às vezes vem da torneira
às vezes vem das lágrimas
Queria nunca ter te feito chorar
mas sempre quero te fazer sorrir
olha como a lua é linda
parece mesmo um queijo
e nós uns ratos comendo grama
Sabe? Ficar longe de nós é ficar longe das estrelas
nem sei se ficar tanto tempo assim dentro dessa bola é bom
mas é você que me prende pelas mãos e língua
Enquanto você bebe a água, olho
no fundo do copo resta algo de mim ?
Será que escorri por suas pernas
quem sabe pela blusa listrada
você só sorri porque não tem mais nada para fazer
viva a alegria
viva a vida
Se um dia eu pegar aquele carro sem rodas
que faz um barulho de enlouquecer
só me diga adeus
tenho vergonha de chorar
na sua frente
Sou forte como um demente
sou fraco como uma serpente
todos correm para fora para ver
o grande sol salvar a todos
será que hoje é dia do brinquedo?

ABRAÇO DESMAIADO

As histórias dos livros
as nossas mentiras
as fadas
lobisomem
fantasmas
o guarda na esquina
até parece terem fugido dos livros

Enquanto a roda do carro
marcava o asfalto com fúria e certeza
ele olhava a beleza das coisas
que nunca mudava de lugar
sempre para a frente
que atrás vem gente!
e depois dessa gente mais gente
e depois um cara que não conheço
e a paisagem não deixa de passar...
olhar descoberto

Enquanto o relógio marcava
o tempo que pulsava com fúria e incertezas
sorria...
para as belezas das coisas
que deixava de pegar
quando passava....
veloz sempre veloz
aquele homem sorria
e nós loucos para chegar
queremos um abraço desmaiado
sempre para a frente
que atrás vem gente
e depois dessa gente mais gente
e depois um cara que não conheço
e a paisagem não deixa de passar
olhar descoberto

Veloz! sempre veloz
aquele homem sorria
e nós loucos para chegar...
queremos um abraço desmaiado



QUANDO TUDO EXPLODIR

Quero ver o sol
e depois subir ao céu
quero mais ar nos meus pulmões
estar perto quando o dia seguir

Não me faça ficar
meu coração descompassou
quero gás no meu motor
e estar longe quando tudo explodir

Seu desejo é me ter em paz
eu só quero viver
segure minha mão
enquanto o suor contrai a palavra amor

Meu desejo é ter você
viver é só viver
segure minha mão
quando não se tem palavras para dizer

De algumas verdades
sobrou a sorte
de nos vermos juntos
na nossa cidade
dilacerada
quando amarramos em mil beijos

Na tranca da porta
o que sobrou de sorte
dentro do corte
quando a porta
divide as partes
em duas verdades

Alguém algum dia
arriscou dizer
porta é travessa
que não nos leva
permite a ida?
permite a volta?
o que tem depois de mim?

Que falta de sorte
esse corte na nossa carne
será que faltou foi mercúrio?
ou beijos asfixiantes no escuro?

Com alguma sorte
qualquer verdade virá
depois dessa porta
dizer em comum
que o mercúrio sobrou
que o medo passou
e amar é verdade































Dois copos com água
um cheio outro metade
sinal de um sumiço das meias vontades
dois copos, e a água
dos corpos toda saudades

Dois copos com água
um cheio outro metade
e eu morto de sede cansado de tantas verdades
do copo lembrança
do corpos toda saudade

Dois corpos e a água
ambos na metade
sinal do espaço das vontades
e o corpo de água
e a falta da verdade

Deixo o livro à vontade
e a história na metade
pro nosso beijo final
pro nosso beijo final.

POSFÁCIO

OU DE COMO TERMINAR DE FORMA A DAR A ENTENDER POR ONDE COMEÇOU

Antes dos textos, razão desse livro, descobri os desenhos e pinturas do César. O letrista só me chamou a atenção mais tarde, já com o Radar Tantã.

Essa convivência e admiração, por quase 20 anos, me fez acreditar que faço parte do seu entorno mais próximo, desse que, depois da mulher e dos filhos, é o primeiro a conhecer qualquer coisa que o cara faça.

De novo, quebrei a cara. Outro dia, me falaram que, nesse livro, existe um monte de coisas inéditas. Material desconhecido para quem acompanha a sua obra com as bandas, solo ou com seus parceiros. Pronto, lá vou eu, de novo, conhecer o César.

FERNANDO FURTADO

O Jardim América era um bairro de periferia no início da década de 70. Onde hoje é a Barão Homem de Melo, era um brejo, um córrego onde pesquei várias piabinhas. Tudo era mato onde havia o recorte do que viria a ser um bairro. Eu vivia na rua, brincando com outras crianças que moravam nas poucas casas da região. Como meus pais, outros casais jovens procuravam lugares mais distantes para começarem a vida. Naquele lugar tinha uma árvore enorme, onde, lógico, nasceu um prédio, anos depois. Ela tinha folhas grandes e a gente brincava muito por lá também. Minha infância foi ótima, uma delícia, com muita brincadeira.

Eu era menino numa família italiana bastante feminina. Cresci convivendo com esse trânsito de donanas, entre mãe, irmãs, tias e avó. Era um barato. Na minha segunda infância, passei a freqüentar a casa do tio Zé, que tinha cinco filhos homens e três mulheres. Com uns 12 anos eu já saía sozinho. Atravessava do Jardim América para o Grajaú e joga-

va bola com meus primos o fim de semana inteiro. Num certo momento, resolvi montar uma banda de rock porque eu gostava muito de música. Aí fui ter com outros amigos.

Conheci o Maurício aos 17. Grupo de jovem. Retiro espiritual. O silêncio para a elevação da alma era o sacrifício exigido diante das tantas meninas possíveis. O som do violão quebrou o gelo, invadiu o vácuo do silêncio, aproximou-nos. Era o início da grande aventura que seria essa prazerosa amizade.

TINHO SILVA

Eu sempre gostei de música, apesar de minha casa não ser de artistas. Não tínhamos nem uma vitrola direito. Ouvia muito Benito di Paula e Elis Regina, além das músicas que minha mãe escutava na rádio Itatiaia, durante o programa do Acir Antão, que ela adorava. Tinha muita MPB e samba. Minha mãe ouvia de tudo e meu pai sempre gostou mais de samba e tango. Essa minha curiosidade pela música talvez tenha vindo daí, por causa dos comentários que eles faziam.

Enquanto me recuperava de uma perna quebrada num acidente, ouvi muitos discos dos Beatles, da coleção de minha tia Dita, na época em que os discos ainda quebravam. Anos depois, ganhei de outro tio meu um compacto de Let It Be. Acho que foi meu primeiro contato mais direto com a música, com o disco como objeto, porque na minha casa não tínhamos disco, só rádio. Só mais tarde ganharia a primeira vitrola de uma tia-avó.

Uma vez, disse ao meu pai que queria um violão. Ele comprou e pagou uns três meses de aula com um professor particular. Esse período durou pouco, porque entramos naquela fase de valsa e bolerinhos e eu preferia comprar as revistas nas bancas pra tocar Rita Lee, Lô Borges, Caetano Veloso. Passei minha juventude freqüentando lojas de instrumentos, namorando vitrines. Do meu avô, que tocava cavaquinho e era daqueles que andava de branco, com chapéu, tocava nos botequins, bebia muita cachaça e era pra lá de espirituoso, herdei o gosto por Clementina de Jesus e Adoniran Barbosa.

Depois de ganhar meu primeiro violão, entrei para o grupo de jovens da igreja, com uns 15 anos. Num primeiro momento, a música me fez ser mais solitário, porque deixei de jogar bola para ficar no quarto ensaiando meus primeiros acordes. Pouco depois, passei a trocar revistas com uma prima. Íamos para a casa dela e tudo passou a ser diferente.

Os conflitos existenciais, discutíamos entre uma sessão e outra de músicas nem tão bem tocadas ao violão, com pouca técnica, mas com muita audácia e disposição. Eu, Caetano e outros baianos; ele, Lô e o Clube da Esquina. Depois da viagem espiritual, a viagem astral, o rompimento com os dogmas, o desbunde total. Conheci o César. O artista. O músico que eu jamais seria.

TINHO SILVA

Neste início teve um episódio legal com um grande amigo. Ele adora música, é pesquisador, coleciona discos, foi um dos precursores desta cultura dos DJs. Nós inscrevemos uma música num festival da canção de um colégio. Na hora que nos chamaram para subir ao palco, ele disse que não ia. Fiquei puto, mas também não tive a atitude de ir sozinho. Acabou o festival e eu fui embora pra casa me consumindo, mas logo superamos o que aconteceu. Éramos amigos no grupo de jovens e tudo funcionava bem quando estávamos todos juntos. Sem contar que as meninas adoram os violeiros.

Muitas vias lácteas percorreríamos juntos ainda. Dividiríamos os pensamentos de pretensa vanguarda num universo quase “careta”, como é “careta” todo restrito universo contido num bairro da nossa infância. Abraçaríamos uma mesma indecisa namorada. A música continuaria a unir nossas vidas, mas, então, em vertentes nem tão próximas: eu, pop rock; ele, punk rock. Ele abraçaria a irreverência como estilo de vida e diversão; eu, apenas como diversão.

TINHO SILVA

Por mais estranho que pareça, de certo modo, tudo que fiz na minha vida tem a ver com este tal grupo de jovens. De fumar maconha a transar, tudo aconteceu naquele ambiente. A lei era experimentar. Aos 18 anos, o exército me pegou e aí minha vida mudou radicalmente. Foi horrível. Eu era cheio de mimos, rodeado de mulheres. Dentro do grupo de jovens também tinha muita companhia feminina. Foi um choque essa mudança. Era tanta paranóia que não tinha espaço nem para o violão, foi uma experiência terrível, que encurtei o máximo possível.

Minha vontade de escrever começou junto com o desejo de fazer a primeira letra, numa época em que minhas referências eram Caetano Veloso, Chico Buarque, Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Murilo Antunes, enfim, essas pessoas que escreviam e eu ouvia no vinil. Eu sempre adorei discos. O primeiro que comprei foi A Página do Relâmpago Elétrico, do Beto Guedes. Meu amor pela música era tanto que a tia Luiza resolveu dar pra gente uma radiola linda, antiga, que era dela e ficava na casa da minha avó. Uma radiola daquelas com móvel de madeira, pé de palito. Depois meu pai comprou um três-em-um, e eu não parei mais de colecionar os bolachões.

Esse meu encantamento influenciou minha família. Acho que foi como resultado disso que meu irmão Marcus, a rapa do tacho que nasceu quando eu já estava no quartel, estudou clarineta, percussão e bateria. Eu o levava para os ensaios e, como o Marcus sempre curtiu bateria, meu pai fez por ele o mesmo que fez por mim.

Música é um negócio que contamina. Quando a criança começa a demandar, a querer aprender um instrumento, é legal a família estar por perto e incentivar. Sempre soube que viveria de arte, com o que ela pudesse me propiciar, porque ser artista é um estado de espírito. E minha família compreendeu isso. A música ajuda numa série de coisas. A pessoa sai do zero para dar um passo à frente. Foi o que ocorreu comigo. Toquei muito violão, até que um dia achei que podia escrever e fiz uma música - esse sentimento de confiança é genial e mexe com a nossa maneira de ver a vida.

Minhas poesias surgem de uma tentativa de construir um lugar no texto. Foi assim no início e é assim até hoje. Paro na frente do branco

com a intenção de dar forma a algo. Às vezes vêm palavras que se relacionam e, nestes últimos anos, tenho me alimentado de mim mesmo para escrever.

César Maurício escreve de uma maneira cortante. Como poucos, vai fundo em qualquer sentimento, mas ao mesmo tempo é extremamente delicado e tem muita precisão.

ÂNGELA AZEVEDO

Quando eu saí do quartel, fui trabalhar. Precisava fazer dinheiro e arrumei um emprego em uma loja que vendia vaso sanitário e vidros. Eu abria a loja, limpava as coisas. Fiquei menos de um ano e pedi para sair. Meu pai vendeu um dos carros que tinha, uma Brasília bege clara, 76, e comprou uma banca de revistas para eu e minha irmã administrarmos, no Santa Efigênia, Contorno esquina com Álvares Maciel, em frente ao quartel. Ficamos ali uns dois anos. Eu passava todo o tempo lendo revistas de música, a fim de ter uma banda. A revista Bizz, então, acompanhei e li toda, desde o início.

Um dia, o Ronaldo Gino me chamou para eu tocar violão para os pais dele. Foi a maneira que ele encontrou para convencê-los de que era um bom instrumento. Deu certo. Ele comprou uma guitarra, montou uma banda e eu continuei na banca, desesperado com a idéia ter uma banda, até que ele precisou de alguém para cantar – minha primeira chance.

Formamos nossa primeira banda em 1986 e, desde lá, ele se apropriou do espaço para escrever e cantar. Tivemos três bandas: O Saída, Virna Lisi e Radar Tantã. César sempre buscou formas contemporâneas para expressar seu som, suas letras e, sobretudo, seus trabalhos com artes plásticas. Já passou pelo abstrato, passeou pelo simples, sempre de maneira inquieta e encantadora.

RONALDO GINO

Montamos o Saída de Emergência. Um dia a gente foi ao show do RPM. Olhando Paulo Ricardo com aquela capa, eu disse a ele: “Cara, um dia a gente vai tocar em um palco assim”. Começamos a garimpar os lugares, saímos fazendo shows, criando nossas músicas e tocando o som de outras bandas. Um lugar bacana era o Crepúsculo dos Deuses. Teve um show nosso, com O Saída, quem tocava com a gente na época era o Paulinho, hoje baterista do Jota Quest. Ele ficou assustado, porque eu entrei no palco me arrastando pelo chão e no meio do show mandei todo mundo tomar no cu. Ele achou melhor procurar outra turma pra tocar!!

Nesse formigamento, comecei a escrever com mais intensidade. A gente conversava muito sobre as músicas do Lô, do Milton, do Caetano. Isso ajudou a amadurecer as idéias. Eu estava atento a tudo que acontecia. De Benito di Paula a Elis Regina, Clube da Esquina e rock, fiz esse percurso com as orelhas bem abertas.

Embora minhas referências apontassem para um desfecho na MPB, o rock’n roll é o grande barato. Fiquei alucinado quando assisti ao primeiro Pop Rock Brasil. Era um caldeirão de sons. Adoro samba de verdade, sem medo. E sou como a grande maioria da minha geração, filho do Cazuza. Por isso o rock e o pop rock dos anos 80 tiveram essa riqueza. Não contamos a nossa história, mas a da nossa geração. Muitas bandas que se formaram naquele momento vinham também com essa referência multifacetada que eu tinha.

E era divertido vê-lo, do alto do palco, distribuir alfinetadas de escárnio sobre o público. Sem pudores, atingia até os amigos. Depois, tudo se dissolvia com algumas doses de álcool. Hoje, compadres, mais maduros, ele ainda guarda a sensibilidade de uma alma elevada e a irreverência de um espírito irrequieto. E, o melhor de tudo, ainda arrepia-se com o bom e velho “rock and roll”. Porque, como bem expressou a letra da música Clube da Esquina 2, que ele me apresentou e que, em muitos momentos, acompanhou nossa adolescência conjunta, “os sonhos não envelhecem”.

TINHO SILVA

Antes de criarmos o Virna Lisi, eu e Ronaldo já gostávamos de Barão Vermelho, Paralamas. A gente ia às lojas de discos e lia revistas. Ainda tenho quase toda a coleção da Bizz, que encadernei em capa dura. Algumas bandas de São Paulo e a Black Future, do Rio de Janeiro, me deixavam ainda mais interessado. Os músicos estavam inventando outras coisas e tinham um pé fincado no pós-punk, que era o que me chamava atenção. Tudo isso começou quando eu fui convidado para fazer uma pesquisa sobre o rock, para o grupo de jovens da igreja. Não parei mais.

Aí vieram Smack, Ira, nos primórdios, Titãs, Cabine C, As Merce-nárias, Picassos Falsos. Um pouquinho depois veio o Virna Lisi. Antes disso a gente montou um show, mais por iniciativa do Ronaldo, na época do Cabaré Mineiro. Ele trouxe a Black Future, que tocou como atração principal, e a gente como O Saída, com o Marcos Barreto no baixo. Nosso desejo era fazer muito mais do que um roquinho. Esse negócio foi ficando muito intenso. Ouvindo as pessoas fazendo suas próprias músicas, nós queríamos fazer as nossas. Emburacamos na cena punk. Mas não renunciei a nada, nunca pensei em jogar fora os discos de samba e MPB e isso me ajuda até hoje a perceber as transições.

Curtia Sex Pistols, o Clash, antes do The Cure. Só que esse acesso era muito restrito. O contato com estes sons ainda era muito próximo de quem estava mais para o lado de cá da cidade. Eu e o Ronaldo, que éramos vizinhos, fomos obrigados a deixar o Jardim América para circular mais. Mas aí acabou. O Barreto foi montar a Ouro de Tolo com o baterista, o Eugênio, e ficamos órfãos daquele furor por uns seis meses. Acabou a farra.

Nesta época, eu já estava na faculdade de Belas Artes, fazia cinema de animação. Ronaldo conheceu o Marden, um guitarrista de Montes Claros, na fila do Vestibular. Nesse intervalo em que estávamos só eu e Ronaldo tocando no quarto dele, nós nos questionamos sobre tocar em português. Sempre defendi que a gente tem que inventar outras coisas e propusemos tocarmos o som do tamborim na guitarra.

O conheci no século passado. Ontem mesmo! No segundo andar, em cima de uma garagem, em um quarto de fundos. Ouvi primeiro sua

poesia em uma “fita cassete Basf” antes mesmo de o ver. Muito mal gravada por sinal... o ritmo não era bom, era uma marcha de guerra, sei lá. Beats eletrônicos das cavernas. Não gostei da introdução, nem da música... mas a primeira estrofe me chamou a atenção: “Os anjos estão de batom... Os santos estão de batom, lucidez, lucidez, acidez na saliva...” Logo após escutar os fragmentos da possível música, ouvi passos subindo a escada. Um cara com cara de desdém se aproxima... estende a mão olhando pra baixo, onde sentado eu estava: “Prazer, César Maurício”. 1988 – Jardim América / Belo Horizonte. Assim o conheci.

MARCELO DE PAULA

Com Marden, Marcelo e Marquinho, a gente continuou falando disso. Eles, com a experiência forte da cultura de Montes Claros, tocavam percussão, principalmente o Marcelo. A família dele tinha um bloco. Quando a gente falou disso, todo mundo ficou que nem abelha, mas sem saber o que ia acontecer. Decidimos tentar.

Depois disso, refizemos aquela música e trabalhamos muito durante um bom tempo. Anos... fazendo outras tantas. Tempo onde não podia se perder: “Esperar o que?”

MARCELO DE PAULA

Foi fantástico. Ensaíamos pouco tempo, fomos para Montes Claros e gravamos quatro músicas no estúdio de um amigo deles, que cedeu o espaço. Fizemos um show no Automóvel Clube e as pessoas ficaram até meio atordoadas. Em vez da gente fazer um solo de guitarra, mandávamos um batuque e rapidamente se fazia essa aura de mistério, com um instrumento inesperado, como o tamborim e o reco-reco. Estávamos atrás de outra possibilidade estética.

Gostava de sentir a ousadia e o descompromisso com o esperado. E mais ainda pela confiança adquirida por ser o que é. Inspiração e entrega à música compartilhada e depois alguns rabiscos e palavras começavam

a pontuar ferindo o tédio do fim dos anos 80. Críticos começavam a rotular o que não era feio, mas também belo não era e isto nunca foi motivo pra ficar sem dormir.

MARCELO DE PAULA

Só agora a gente se dá conta do tamanho dessa provocação. Antes, só sabíamos que estava legal e era diferente, novo. Havia até um certo receio, que não chegava a ser vergonha de ser execrado. Era esquisito ver uma banda de pós-punk tocando percussão.

Conheço o César porque Skank e Virna Lisi são contemporâneos, exatamente do mesmo período. Bandas que têm o embrião no final dos anos 80, mas que foram fundadas nos 90. A gente tinha noção do que estava acontecendo no contexto, no cenário de Belo Horizonte com a música pop e rock. O Virna desde muito cedo, eles começaram a ter respaldo de crítica muito bacana. Isso foi muito forte, desde o início, com aval até de veículos de fora de BH, como a Folha de S. Paulo. Impressionou muito a gente, porque a gente sabe quão árdua é a batalha para fazer um trabalho que tivesse visibilidade fora. Era difícilimo, ainda mais num veículo importante. Me lembro deles também começarem a ter aceno de bandas consolidadas como Titãs.

Qualquer ganho que um grupo conseguisse, qualquer trunfo desses, era estimulante para os outros. O mais bacana de tudo, não só por serem de BH com aval de fora, era o fato de ali, naquele momento, estarem pontuando uma nova geração na música. O Virna Lisi era, junto com o Skank, só que o Virna primeiro, para os críticos e para os formadores de opinião, era ponta de lança da nova geração. Já tinham acabado os anos 80. Ali começou tudo.

SAMUEL ROSA

Naquela época, a MTV tinha acabado de chegar ao Brasil. Fomos para o Borges da Costa, filmamos um videoclipe com o Bruno Viana e enviamos para a direção. Eles ligaram imediatamente. Acharam ótimo, co-

locaram na programação e o produtor Pena Schmidt nos convidou para gravar o primeiro disco. Essa notícia de gravar o disco quem me deu foi o pai do Ronaldo, Sr. Darcílio, no meio do vernissage de uma exposição minha no Palácio das Artes.

Eles tinham uma coisa que, não sei se por coincidência ou por ser o espírito dominante da época, eles já tinham na sua fórmula musical... Esse contingente que deu o tom do rock e do pop produzido na década de 90, com mistura e resgate de traços do regional, como o Chico Science, com o maracatu, Raimundos, fazendo forró core... O Virna Lisi tinha resgate de batidas da música popular e do norte de Minas, eles já tinham esse flerte com a música popular brasileira, da música regional.

O rock dos anos 90 fez as pazes com a música popular brasileira, nos 80 existia o antagonismo, o rompimento com os medalhões, e os 90 reconciliou.

Skank redescobriu Jorge Ben, o Virna tinha isso, tocava uma música do Monsueto. Foi de novo o encontro. O rascunho tinha sido feito pelos últimos grandes discos da década de 80, misturando com eletrônica, os Paralamas com Selvagem, Bora-Bora. Eles ali já deram uma dica e os 90 veio pra consolidar, sem briga, pra misturar. Nisso o Virna foi pioneiro e expoente.

SAMUEL ROSA

As coisas se desenrolaram naturalmente e a gente não tinha consciência de que estávamos fazendo algum tipo de alteração na percepção da música. Em São Paulo, fizemos um show numa casa que se chamava Retrô - lugar importante das bandas underground. Naquele dia passaram por lá Arnaldo Antunes, Edgar Scandurra, Cunha Júnior, Gastão. Depois da passagem de som, começamos a tocar o tamborim e reco-reco. O dono da casa subiu desesperado e perguntou: “caras, vocês são uma banda de rock ou de samba? Porque minha casa é de rock”. Era um lugar lindo, bem pequeno. Foi avassalador.

Não foi num bar do Gibi ou no DCE da Gonçalves Dias que conheci César Maurício. Só tomei conhecimento dele e de seu Virna Lisi, acho que em 1992, já na Folha de São Paulo. E isso me doeu como um soco no estômago. A banda que retomou o rock em português e abriu as portas para uma nova geração em paz com a MPB era da minha cidade e eu não sabia de nada.

Depois disso, me lembro de um show visceral em João Monvelade, de alguns encontros na estrada e da possibilidade de me aproximar daquele cara que eu não sabia se vinha do Jardim América ou de Montes Claros.

FERNANDO FURTADO

Como Virna Lisi, ficamos juntos por oito anos. Esse primeiro momento foi sensacional, por causa de tudo que envolvia esse mundo independente que nem existe mais desta forma. Pedi emprestado a oficina de xilogravura da UFMG, fizemos capas artesanais para a fita demo, cartazes. Também foi bacana associar experiências. Entramos na era do vídeo, mais uma vez sem saber que estávamos sendo precursores de uma situação. Corremos atrás dos críticos, batendo de porta em porta.

“Expressos” na mente, rondando ruas em uma Brasília branca, num Belo Horizonte cinzento e um sonho em comum: viver na arte fazendo o maior barulho possível e impossível de ser destruído. Assim vi nascer, crescer, morrer e renascer nova mente. Antes de agora, lendo Rimbaud, Verlaine, Baudelaire, Maiakovski, Garcia Lorca, Pablo Neruda, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros, como se isso preciso fosse para ele, pra fazer com que continuasse a escrever.

MARCELO DE PAULA

O Virna era uma novidade, como tinham sido os Mutantes. Alguns críticos nos viam como o início da era anti-tropicália, em função do experimentalismo. Teve ainda o momento de rugas. Uma galera da

Plebe Rude criou caso com a gente, por causa de declarações que fazíamos. Eles ficaram enciumados, mas nos tornamos amigos depois. Foram os melhores momentos que passamos, que nos fazem olhar para trás e sentir orgulho.

Meu primeiro contato com a música dele foi através das minhas filhas, que eram fãs do Virna Lisi. Com o tempo, nos tornamos amigos, o que não é difícil, porque ele é muito carismático. Os quadros dele são como as letras: viscerais, intensas e generosas. É muito raro ver um artista com tanta clareza e honestidade num tempo em que as pessoas usam tantas máscaras. Ele é realmente um talento à frente de sua época.

ÂNGELA AZEVEDO

No meio do caminho, a mudança de baterista. Saiu o Marco Neves, que acabou voltando pra Montes Claros. Veio o Luis Lopes, que gravou com a gente os dois últimos discos. O Lu estava começando a arte da tatuagem, e trouxe a tattoo pra dentro do Virna... daí começou uma relação que dura até hoje: são deles as tatuagens que tenho pelo corpo a fora.

A primeira vez que vi o César eu estava assistindo a um show do Virna Lisi na UFMG, no Rosas de Abril, junto com o show do Tom Zé. Era 1993 e fiquei apaixonado pela banda, não conseguia tirar os olhos, vibrava com o César tocando repinique, com a agitação toda, com o som contagiante. Eu só ficava pensando: que banda é essa? Passaram-se alguns meses e como eu também tinha minha banda, que na época era uma banda cover de ramones, nós acabamos nos encontrando no palco, em Viçosa, um show que foi uma tremenda roubada, mas que serviu pra nos conhecermos.

LUIS LOPES

O pior foram os desentendimentos, as inseguranças. Éramos novos demais e a vida nos castigou bastante. Não soubemos lidar com isso. Ti-

vemos várias outras conquistas, como tocar no Festival na Argentina, o Monster of Rock. Fomos a única banda brasileira em 1997 a participar do evento.

Percebemos o quanto as pessoas gostavam da nossa proposta. Mas existe o outro lado. Muita gente tem ciúmes, inveja, boicota e puxa o tapete. Foi um momento muito triste não saber lidar com esse tipo de situação, ver os erros se refletirem no grupo, gerando indisposições irremediáveis. Um dia éramos pessoas que construíam coisas, cheias de sonhos, de idéias doidas e preciosas. Tempos depois, já não conseguíamos enxergar o que o outro tinha de melhor. É assim que a banda acaba, como reflexo de uma espécie de cansaço.

Cantor de cantar Virna Lisi sem delírios de falsas louras, César foi dos primeiros da série de rock com tambor, MOC fundindo com guitarras de arame farpado.

KIKO FERREIRA

Nosso conflito era muito mais pessoal que estético. Todo mundo sempre achou que a banda estava corretinha. O terceiro disco foi muito bem produzido pelo Dado, do Legião Urbana, e pelo Tom Capone. Foi através de uma gravadora internacional, com recursos para a produção. Mas pelo menos 90% das bandas passam por desgastes de relacionamento. A convivência era muito de perto, intensa.

O César rapidamente se tornou meu amigo, até hoje somos muito amigos, anos de amizade que o tempo nem as bandas indo e vindo não atrapalharam. Todas as suas tatuagens eu que fiz, desenhos estranhos, diferentes do normal, que adoro fazer, porque tem sua personalidade forte, desenhos de seus filhos, Benja e Nino, que hoje são amigos da minha filha Manuela. Nossa amizade é do tipo pra vida toda.

LUIS LOPES

Também veio o cansaço, por falta de grana. A gente se viu com um produto bacana demais nas mãos e não sabíamos trabalhá-lo. Várias pessoas não foram justas ou honestas. Passamos por situações como a de um produtor vender nosso show por R\$ 10 mil naquela época e nos dizer que era de graça. E a gente ia tocar porque achava importante para garimpar mais público. Na nossa ingenuidade, o rock'n roll era isso: o pote de ouro está lá na frente, sempre longe do alcance. E ainda teve os que se julgavam produtores, mas não sabiam o que estavam fazendo. Os grupos sofrem muito com a inexperiência dos outros. É difícil perceber o produto que se tem nas mãos, entender o mercado e criar as situações corretas.

A imperfeição sempre foi inspiração pra o ser. E o resultado perfeito o é. Perfeito por não ter preconceito nem vergonha de acertar na mosca ou no olho ou na cara... todo poeta tem sempre um nome a “zerar”. Tem que destruir sempre pra obter novos espaços. Ser diferente, caótico e entrópico.

MARCELO DE PAULA

Ralamos muito sem grandes conquistas econômicas e isso foi o mais perverso. Ficamos diante de um tipo de relação em que as pessoas se tornam nojentas. Elas traem os parceiros como se nada tivesse acontecendo e perceber isso é a pior hora. Passei por essa experiência de mesquinha-ria, de vale-tudo por sucesso e dinheiro nas artes plásticas também.

Depois de alguns anos nesse dilema, minha mulher foi quem melhor resumiu a situação: as pessoas gostavam da minha arte, davam importância. Era preciso aprender a fazer dinheiro com ela. Isso era o que eu não tinha. Era foda estar na capa da Folha de São Paulo num dia e, no outro, ir pra rua fazer pesquisa de opinião para garantir a sobrevivência.

O pessoal do Virna muito tranquilo, todo mundo muito afetuoso, carinhoso, só que o César era mais caladão, na dele, tinha um cabelo,

me lembrava um pouco o Jim Morrison do The Doors, viajandão, estilo vocalista, na dele. Hoje sei que pela timidez.

SAMUEL ROSA

O último show do Virna Lisi foi na Fábrica de Macarrão, em Santa Tereza. Estávamos esgotados e nem fizemos divulgação da festa. Fomos para cumprir a agenda e coincidentemente a casa estava cheia. Naquela semana, recebemos uma carta da gravadora nos dispensando, pelo correio: “Prezado César Maurício, infelizmente seu contrato foi cancelado”. Nos reunimos na minha casa e foi o maior chora-chora. Eles foram embora, um a um, e eu fiquei. Apesar da depressão, ficamos aliviados. A banda era um peso.

A primeira vez que travei contato com o César, não foi com a pessoa dele, mas sim com sua voz berrada em “Esperar o quê?”, primeiro disco do Virna. Era uma voz rasgada e incômoda, assim como suas letras. Me acostumei a ela. Não sei porque, mas achava que o César era o Michael Stipe de BH. Depois vieram o segundo e o terceiro discos. Eu queria mais e o Virna “debandou”...

MARCELO PIANETTI

O rompimento do Virna ocorreu entre 97/98. Ficamos muitos anos afastados, sem nos falar, exceto eu e Ronaldo, que fundamos o Radar Tantã e conseguimos quase mais 10 anos juntos. Esse projeto veio logo depois que o Virna acabou. A proposta era buscar outras possibilidades de música, muito mais folk, melódica e harmônica do que impulsiva.

Radar tantã em cinemas de animação, César Maurício trabalha, antes de tudo, com cor. A cor do som, a cor na tela fixa, a cor na tela móvel, a cor que se sabe de cor ao cantar um refrão. Voz improvável de cantor de rock que no palco assume Dionísio e Jim Morrison. Voz de por a pena a serviço do relido e reeleito, conseguiu emular Monsueto para

dizer que quer a mulher assim mesmo: baratinada, embriagada, descabelada, desafinada, despenteada.

KIKO FERREIRA

Consequentemente meu texto também se alterou. Eu estava num processo mais descritivo. No início minha busca era muito mais próxima da poesia concreta, do texto mais perto das artes plásticas que literal. No Radar, a música me obrigou a ser quase parnasiano, com versos quadradinhos, métricos. Várias pessoas acompanham o Radar até hoje e tem gente no Brasil inteiro que gosta da banda, que nem existe mais. Ainda hoje recebo e-mails, com comentários sobre os discos. É uma música muito mais dócil, sutil e com nuances.

Nos idos de 1997 eu de fato o conheci. Fizemos uma parceria de trabalho que durou mais de oito anos e resultou em dois discos (do Radar Tantã), vários shows, muitas viagens, brigas e muitas conversas. Aí eu realmente conheci várias facetas dessa figura singular: o artista plástico e engajado, o poeta do cotidiano, o roqueiro-punk, a pessoa doce e o pai maravilhoso que ele é.

MARCELO PIANETTI

Começamos a divulgação do Radar em São Paulo, em 1999. Todo mundo queria saber o que dois caras do Virna estavam fazendo. Fizemos um videoclipe em desenho animado, e isso era vanguarda. Fomos premiados pela MTV como grupo revelação por essa ousadia de grupo independente. Fomos para os Estados Unidos, fizemos show no festival South by Southwest, no Texas.

Foi bacana demais, mas com o tempo a banda foi degradingando também, cada um queria fazer seu próprio trabalho. O maior dos problemas foi que a cada dia eu chegava com as minhas músicas mais prontas, com texto, melodia, harmonia. Aí a galera disse “não, aqui é coletivo”. Foi neste momento que passei a acreditar que poderia fazer um trabalho solo.

No meio da produção do Radar Tantã eu entrei em crise com a minha pintura. Não queria mais aquela mediocridade. Com o tempo, foi isso o que aconteceu. Meu trabalho como artista plástico já não era de coração, já não me tinha mais nas telas. Me perdi por causa do tanto de coisas que eu estava fazendo. E a pintura é assim: ou você pratica ou não tem jeito. Muita gente se aborreceu comigo quando renunciei.

Agora, sempre que tenho uma idéia, uma forma, faço o desenho e tatuo em mim, no meu corpo, porque recolhi este trabalho para mim mesmo. Não é honesto quando deixa de ter relevância e o texto passou a ocupar mais lugar em minha vida. Joguei fora muita coisa, forrei o chão com outras. Para fazer sentido, precisaria evoluir como artista plástico e eu interrompi essa busca.

Por outro lado, eu precisava praticar o que eu me propus na academia. Tinha que fazer cinema e comecei a me dedicar ao videoclipe, brincar de escarafunchar o universo digital, sem essa de discutir arte. Comprei um computador e passei a resolver tudo dentro de casa.

Com os vídeos, participei de vários festivais e ganhei prêmios. Outras pessoas me pediram e fiz, tudo sem dinheiro. Foi assim com os Astronautas, de Recife, com um vídeo que foi parar em Barcelona, e com a Jason, uma banda de punk rock do Rio de Janeiro. Na lógica do escambo, eles apresentavam minha música para outras pessoas e eu ficava satisfeito. A idéia é fazer o máximo com o mínimo. Quanto mais fechada, focada, mais universal uma obra se torna. Quanto mais próximo, mais igual a gente fica. Esse passou a ser o meu norte.

Meu primeiro contato com César Maurício foi na Escola de Belas Artes fazendo cinema de animação, seus desenhos de seres e mundos imaginários. Depois veio o Virna Lisi com suas músicas ácidas e críticas marcando toda uma geração.

SÁVIO LEITE

Esses últimos anos foram profundamente centrados na música e as artes plásticas foram para o buraco. Fazer escolhas implica em renúncia.

Mas outro dia acordei disposto a retomar a pintura. Acordei de madrugada e desenhei muitas coisas nas paredes da minha casa. A qualquer momento vou voltar a pintar, porque existe um ponto de contato entre as artes, que está na questão da textura, da rua, do cotidiano. Está na intenção de se jogar na tela sem medo de rasgar o peito. As artes plásticas me consomem muito mais do que a música. Tocar é uma catarse que exercito várias vezes ao longo de um tempo. Gravo, ensaio, ensaio, ensaio e vou esgotando as falhas. Já a pintura fica como nasce. Isso provoca um desgaste muito maior.

Quando conheci o trabalho do César Maurício, me chamou atenção a pintura muito forte, expressionista, que filtrava de uma forma muito pessoal a influência de Basquiat. Pela enorme liberdade, parecia quase um grafite de rua, trazia uma visualidade que remetia à arte de rua. Isso, num contexto de pintura acadêmica e muito culta. Por isso tem um sabor especial, com traço nervoso, explosivo, pulsante, que produz atrito muito sugestivo com a visualidade convencional. Fiquei surpreso como essa matriz gerou outras coisas, esculturas ótimas, com o mesmo perfil, assim como os grafismos que estão na capa do CD Siderado, do Skank.

WALTER SEBASTIÃO

Há quase 20 anos, fui convidado para uma exposição. O problema não era produzir as telas, mas levá-las para a galeria. Fiquei atordoado. Fui muito elogiado, e eu era apenas um estudante. Um crítico me chamou para conversar e eu me senti nu. Estava tudo ali exposto, meus sentimentos, sofrimentos, alegrias. Foi incrível, mas a arte tem que ser divertida, vir de um lugar completamente intenso, sujo, visceral. Eu me recusei a cuidar da minha obra porque o universo mercadológico da arte é muito desgastante. Prefiro ficar com meus amigos, subir ao palco, tocar minhas músicas, levantar e ir embora.

Sempre coerente com seus gostos e propostas artísticas. Como um ser dotado de imenso talento, humildemente distribui conhecimentos para quem não tem oportunidades. Não me surpreende que agora se aventure na literatura. Tem poesia em tudo que faz.

SÁVIO LEITE

Há uns oito anos eu e a Clarice começamos a pesquisa para a produção do Guia Cultural de Vilas e Favelas. Eu havia pedido demissão da Prefeitura, onde ministrava oficinas de arte para portadores de sofrimento mental, e, com o acerto, decidi comprar uma câmera para fazer valer o que eu estudei, que é cinema. A Júlia Portes foi uma grande amiga neste momento e me mostrou que a arte-educação era o futuro. Ela me chamou para dar oficina de desenho animado, acreditou na minha proposta, me convidou para dar aulas na Guignard e tudo foi se desenvolvendo.

Com a câmera, passei a fazer documentários das pessoas que descobrimos na pesquisa para o Guia. Selecionamos cinco personagens, como a Dona Iracema. Ela tem mais de 70 anos e uma história linda. Eu e Clarice fomos ao Vietnã gravar com ela, que é uma heroína. Ela mudou meu conceito de entender e fazer arte. A partir daí, decidi fazer simplesmente o meu papel e a minha obrigação, com coragem de continuar me dedicando à arte. Devo isso à dona Iracema, que canta e compõe, escreve as próprias letras.

É lindo o trabalho dele como compositor, e principalmente o que se relaciona não só ao que interessa a ele de imediato, como o Favela é Isso Aí e também os trabalhos sociais que ele faz.

ANNA BLUTLER

Meu contato com a periferia também começou através da igreja, naquele grupo de jovens. Trabalhava muito, dava aulas de português para os meninos do Jardim América, organizava excursões, tocava violão, fazia trabalhos nas comunidades. Todo mundo da minha casa é desse

jeito. Mas isso não tem a ver com uma forma religiosa de ver a vida. Não se trata do que se entende por generosidade.

Sou de origem simples, descendente de negros e tenho orgulho disso. Minha maior motivação é que não aceito ignorância, brutalidade, falta de educação. E me considero um cara de sorte porque, com todas as dificuldades, pude fazer faculdade e encarar minhas escolhas. Várias pessoas me deram oportunidade, então, é chegada a hora de retribuir, de criar condições para o outro.

Cesar é um grande talento, além de ser um grande ser humano. Ele é um homem raro no mundo de hoje. Com princípios expostos, mas não óbvios e muito menos taxativos.

ANNA BLUTLER

O retorno do Virna Lisi em 2009 foi resultado de muitos encontros. A gente não quer fazer do grupo um laboratório de tentativas. Ponderamos muito se realmente nossa volta interessa a alguém. Ficamos quatro anos nesta conversa, até decidirmos que vamos tocar pelo prazer de levar a banda adiante. Estamos lavando a alma. Sentimos tanta falta disso que agora a gente se abraça e se beija a todo momento. Já não existem culpas e cobranças. Acalmamos nossos corações e sobrou espaço para música. O primeiro show foi ótimo, com muitas pessoas celebrando com a gente, cheias de saudades.

A proximidade com a música, às vezes semelhante, o ponto de afinidade, é a idéia de atrito, de valorizar o ruído, a textura, quando ouve chama muita atenção e que tem um pouco disso na pintura, mas o Virna é uma reunião da várias pessoas. Tem uma distância. O César, a seu modo, inventou o visual do Virna Lisi, mas o ideal seria inverter a lógica, e observar como a influência do Virna interferiu no visual do César.

WALTER SEBASTIÃO

Acho que o Virna Lisi e o Radar Tantã marcaram uma geração, muito por causa da originalidade e verdade com que estes dois projetos foram desenvolvidos. Flertamos com o sucesso, mas nunca tivemos um auge comercial. Isso nos deu liberdade para fazermos o que tivemos vontade. Não existia outro compromisso senão com a gente mesmo, com o que acreditávamos.

Foi ótimo o encontro com ele. O tipo de arte que ele produz, é mais, tanto nas pinturas como nas letras, mais ácida. Na nossa parceria, ele entrou com esse diferencial, o da estranheza que seduz, que é bacana, que não tem o refrãozinho certinho. São várias as razões que fazem com que o estranho também funcione bem e o César trouxe esse tempero para as coisas que eu estava fazendo com ele. O Skank tem músicas que apontam para caminhos diferentes e os letristas contribuem com isso, com suas particularidades, e o César tem uma identidade muito forte quando escreve.

SAMUEL ROSA

Mais recentemente, fiz muitas coisas bonitas com novos parceiros. A Carol, que conheci através de meu grande e querido amigo Fernando Furtado. Fernando para mim é um cara que serviu e serve até hoje de estímulo. Ele me ajuda a resgatar coisas que tendo a largar, tanto na pintura como no texto. Ele me convidou para fazer a capa do Skank e convidou para fazer letras com a Carol. Ele é um militante da minha obra, das coisas que faço. Sei que ele gosta, ele critica. É até difícil falar dele.

Curioso que o primeiro trabalho não foi musical. Foi a capa do Siderado. Em 98, calhou do César ter mostrado as coisas dele para o Fernando, nosso empresário, e ele ficou impressionado, passou pra gente. O César fez todas as telas do encarte, não somente a capa. A gente mandou as músicas e ele foi fazendo as telas só para o CD.

O Skank já vinha trabalhando com esse negócio de procurar artistas, o Samba Poconé também eram telas, mas arte mais kitsch, com

os cartazes de cinema. A gente achava que na música do Skank também tinha esse contingente de reproduzir de maneira caricatural as coisas de fora. Já tinha esse acento nos nossos discos. E aí veio a idéia de fazer com o César Maurício, que a gente achou ótimo, por se tratar de amigo, um cara de Belo Horizonte. Essa foi a primeira aproximação.

SAMUEL ROSA

Conheci então a Carol, que compõe canções lindas, que traduzem muito bem meu texto... ela é minha parceira feminina, então quando estamos compondo juntos, quando estou escrevendo para ela, tem uma suposta inversão de lugares, de papéis, um exercício interessante de escrever para uma mulher. Já fazem 10 anos que nos conhecemos, eu e Carol e uma coisa legal é que estamos ambos ralando com nossas músicas, carreiras, discos... E trocamos muito, discutimos sobre o que é ser artista-solo, compositor e dar a cara a tapa. Sempre tivemos isso de um encorajar o outro.

Conheci César pessoalmente em 2000, pouco depois de começar a compor para minha banda. Já era fã do Virna Lisi e do Radar Tantã, mas principalmente das letras do César. A habilidade em criar imagens tão poéticas a partir da crueza e banalidade do cotidiano é dos seus maiores talentos e era tudo que eu queria tentar naquele momento.

CAROLINA LIMA

Eu e Samuel Rosa também fizemos muitas coisas legais juntos, por causa da sinceridade com que conduzimos nosso trabalho. Com o Lô Borges também, pela mesma razão.

Nós nos conhecemos quando ele me convidou para tocar piano numa faixa do disco do Radar Tantã. A partir daí ficamos amigos e nosso contato foi ficando cada vez mais estreito. De todas as letras dele, gosto muito de Qualquer lugar, que gravei no disco Um dia e meio, de 2005.

LÔ BORGES

Um dia, ele me convidou pra me mostrar umas músicas na casa dele. Eu levei uma caneta e um caderno, ele falou horas, contou coisas da vida dele, me deixou zonzinho. Depois me mostrou uma música e me pediu para escrever uma letra ali, naquele momento. Eu tinha três alternativas: pular a janela do apartamento, pedir licença e ir embora, ou escrever. Foi o que fiz. Cheguei em casa exausto. Depois deste primeiro encontro com o Lô, fizemos muitas músicas assim. Foi um exercício ótimo, que me provocava num lugar que eu não tinha experimentado ainda. Criamos intimidade, ficamos amigos, passávamos dias inteiros juntos. Ele tocando piano e eu escrevendo.

E segue espalhando farpas de cores várias nas novas parcerias, espécie de sócio tardio e bem vindo de esquinas e clubes sem sócios majoritários. Ave, César. Ocupe seu espaço, que a hora é agora.

KIKO FERREIRA

Depois da aproximação com o Lô, conheci sua família e fiz novos amigos e parceiros: Marcinho e Telo, os Borges... com cada um fiz uma música belíssima, digna de me orgulhar! Maçã, com o Marcinho, traz a frase que dá nome a meu primeiro disco-solo: Não posso devolver sem danos seu bobo coração!

César Maurício era membro de um grupo musical que eu, de longe, achava talentoso e original, a começar do nome: Virna Lisi. Como cinéfilo e colecionador de memórias, achava que só eu ainda me lembrava daquela atriz tão secundária e quase esquecida pelo rol da fama. Começou assim nossa afinidade, antes mesmo de nos conhecermos. Na sequência, César Maurício se torna parceiro de algumas canções muito legais e criativas - hits lá em casa - com meu irmão Lô. Ótimo, não deu outra. Ficamos instantaneamente amigos.

MÁRCIO BORGES

Com Samuel, fiz Lugar, Seus passos e Um homem solitário para o disco Carrossel, depois de outras tentativas de parceria que não deram certo. Ele me convidou de novo e fizemos Noites de um verão qualquer e Assim sem Fim para o disco novo, Estandarte.

Depois, a gente foi acompanhando o que estava acontecendo com o Virna, veio a dissolução e o César começou a escrever para o Lô Borges, antes de compor comigo. A nossa primeira parceria foi no Carrossel. Mas me lembro que em 2003, no Cosmotron, o César já tinha me mandado material, mas eu já estava naquela fase de reta final do trabalho. Acabou não rolando nada, mas eu tinha falado com ele que tinha adorado as letras, foi o Marcelo Pianetti o intermediário, fez a ponte.

SAMUEL ROSA

Ter estudado arte foi algo definitivo pra mim, que me ajudou a ter um caminho a seguir. Desde o início do Virna, sempre senti falta do Brasil na música brasileira. Desse país que é o congado que passa na porta da minha casa e o motorista do ônibus do Jardim América é o chefe da guarda. Esse é o segredo. Quando um som é carregado de honestidade, fica atemporal.

Pedi a ele algumas letras, então pedi outras e mais outras... e o disco da Squadra foi quase todo recheado por essa parceria, que havia se tornado uma grande amizade. De lá pra cá, continuamos fazendo canções, que eu já perdi a conta de quantas foram.

Algumas delas estão no meu disco solo, que só se tornou uma realidade pelo grande estímulo e aprendizado que tive com essa parceria musical, que eu espero estar só começando.

CAROLINA LIMA

Com o Radar Tantã, fizemos muitos shows. A gente podia avançar, mas eu não queria mais. Nem eles me queriam também. A experiência

com o Lô me instigou. Juntei minhas músicas, pedi licença. Banda, eu não quero mais. É chegado o meu momento.

Fico muito feliz de falar do César, poderia falar muito, contar casos legais e momentos que passamos juntos nesses últimos quase 20 anos. Nesse momento só quero dizer que tenho orgulho de ser seu amigo. Desejo a ele mais sucesso... um beijo do seu amigo

LUIS LOPES

Sinto-me feliz e abençoada por tê-lo como amigo.

ANNA BLUTLER

Artista de alma punk, amigo querido, um cara com quem sempre farei questão de conviver e fazer um som.

RONALDO GINO

Ame ou odeie... ou melhor, que seja os dois... sentimentos pra entrar ... sentimentos pra sair... poesia e música... artes plásticas... provocação e humor em sua atuação de autor...

Pai das suas obras, dos seus filhos, dos seus gatos e ente atuante do terceiro setor.

Assim sendo, amigo que também faz cinema, video e animação.

Teria que ser único apesar de ter a graça de três: César ... Maurício... Alberto!

MARCELO DE PAULA

Dia 16 de dezembro de 2009 ele esteve em minha casa para entregar um exemplar do seu primeiro disco-solo. E me disse: “faço questão de te entregar em mãos”. O disco está lindo. Obrigado por dividir com a gente toda sua verve. Sinto orgulho em ser seu amigo. De verdade.

MARCELO PIANETTI

Fiz ESCOLHA perfeita pra manhã de segunda-feira! Um disco lindo desde a entrega em mãos até a última canção!

Reafirma seu imenso talento de cronista musical, arranjos na medida, sem invencionices e eletrônicas. Baladas/rock/folksongs, tudo de bom e perfeito para esses tempos de agora, que fingem desconhecer um pouco de histórias que nossas memórias tem guardadas com muito afeto. Música boa será sempre assim, cheia de afetos e poesia e pro meu bobo coração o dano está feito e eu te devolvo com uma imensa satisfação. Maravilhoso objeto feito por um artista profundamente subjetivo!

PAULO THOMAZ

Ele é uma das pessoas mais talentosas que conheço, um artista na acepção da palavra. Tudo que o César faz em arte é bem feito - letra, tocar guitarra, cantar, artes plásticas, vídeo, ação social com as crianças. Tenho muito orgulho de ser amigo dele, admiração profunda.

LÔ BORGES

Unimos nossas famílias tão lindas, nossas mulheres exemplares, nossos filhos cada um mais bonito que o outro. Viajamos pra roça, de renca. Curtimos um tempo claro. Fizemos música na cidade.

Hoje posso dizer, como amigo e parceiro dele que me tornei: César Maurício é um amigo porreta, um cantor envolvente, um compositor muito talentoso, um artista plástico da pesada, um pai de família dedicado e amoroso, um sorriso encantador, um ser compassivo, um homem comprometido com seu tempo e com as melhores causas.

Em tempo: esse César é o contrário daquele outro, histórico. Esse aqui dá a todos, de bom coração, o que é de César.

Do amigo e parceiro
MÁRCIO BORGES

CÉSAR MAURÍCIO Alberto

Nasceu em Belo Horizonte, MG em 1964. Graduiu-se em Cinema de Animação pela Escola de Belas Artes da UFMG em 1992. Fez diversas exposições individuais e coletivas, em locais como o Palácio das Artes – BH; Itaúgaleria, em Campo Grande e Vitória; BDMG, entre outros.

Cursou Especialização em Ensino e Pesquisa na área da arte, cultura e educação pela Escola Guingnard / UEMG.

Na área do audiovisual, realizou vários vídeos e videocliques, parte deles em animação, além de já ter ministrado diversos cursos e oficinas. Com o videoclipe Na Dúvida Atire, da banda Radar Tantã, recebeu o prêmio de revelação no MTV Vídeo Music Brasil.

Como músico, passou pelas bandas Saída de Emergência, O Saída, Virna Lisi e Radar Tantã. É cantor e compositor, tendo parcerias com autores como Lô Borges, Samuel Rosa, Carolina Lima, Renato Vilaça, Márcio Borges, Telo Borges e Thiago Corrêa.

No final de 2009 lançou seu primeiro disco solo, com apoio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Foi co-idealizador do Guia Cultural de Vilas e Favelas e atualmente é membro integrante e coordenador artístico da ong Favela é Isso Aí.

DISCOGRAFIA

- Esperar o Quê? (LP) | Virna Lisi, 1992
- O Que Diriam os Vizinhos? | Virna Lisi, 1996
- Se Desce a Lona Vira Circo, Se Cerca Vira Hospício | Virna Lisi, 1997
- Na dúvida atire | Radar Tantã, 2000
- Edição de Natal | Radar Tantã, 2003
- Passeio Entre o Céu e o Sol | Radar Tantã, 2004
- Não posso devolver sem danos seu bobo coração | César Maurício, 2009

Participação em coletâneas

Coletânea Tinitus 1 (LP) – 1992

No Major Babes – 1993

Coletânea Tinitus 2 (LP) – 1994

Coletânea Tinitus 3 – 1994

Philips Monster of Rock – 1995

Coletânea Tinitus 4 – 1996

Sim MTV – 1996

Hinos dos grandes clubes brasileiros | Revista Placar – 1996

Batimacumba – 1996

Discos de parceiros / Participação como letrista

Squadra | Squadra, 2002

Um Dia e Meio | Lô Borges, 2003

Bhanda | Lô Borges, 2006

Carrossel | Skank, 2006

Estandarte | Skank, 2008

Bom Sinal | Telo Borges, 2009

Sociedade do Crivo Mútuo | Transmissor, 2009

Carolina Lima | Carolina Lima, 2010

INFL